



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

JOÃO LUCAS MAGALHÃES MORAES

**EDUCAÇÃO E LITERATURA EM ANTONIO CANDIDO (1946 –
1988)**

CAMPINAS

2021

JOÃO LUCAS MAGALHÃES MORAES

**EDUCAÇÃO E LITERATURA EM ANTONIO CANDIDO (1946-
1988)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestre em Educação, na área de concentração Educação.

Orientador: Prof. Dr. Alexandro Henrique Paixão

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELO ALUNO JOÃO LUCAS MAGALHÃES MORAES E ORIENTADA PELO PROF. DR. ALEXANDRO HENRIQUE PAIXÃO.

CAMPINAS

2021

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Rosemary Passos - CRB 8/5751

M791e Moraes, João Lucas Magalhães, 1994-
Educação e Literatura em Antonio Candido (1946-1988) / João Lucas
Magalhães Moraes. – Campinas, SP : [s.n.], 2021.

Orientador: Alexandro Henrique Paixão.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade
de Educação.

1. Candido, Antonio, 1918-2017. 2. Literatura. 3. Educação. 4. Cultura. 5.
Sociedade. I. Paixão, Alexandro Henrique, 1978-. II. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Education and Literature in Antonio Candido (1946-1988)

Palavras-chave em inglês:

Candido, Antonio, 1918-2017

Literature

Education

Culture

Society

Área de concentração: Educação

Titulação: Mestre em Educação

Banca examinadora:

Alexandro Henrique Paixão [Orientador]

Mariana Miggiolaro Chaguri

Carmen Lucia Soares

Data de defesa: 31-05-2021

Programa de Pós-Graduação: Educação

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0001-6849-6805>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br>

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**EDUCAÇÃO E LITERATURA EM ANTONIO CANDIDO (1946-
1988)**

COMISSÃO JULGADORA:

Prof. Dr. Alexandro Henrique Paixão

Profa. Dra. Mariana Miggiolaro Chaguri

Profa. Dra. Carmen Lucia Soares

Autor: João Lucas Magalhães Moraes

A Ata da defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria do Programa da Unidade.

2021

*A palavra do mestre é uma
palavra mágica. Ao apelo de
um espírito, outro espírito
desperta: pela graça de um
encontro, uma vida foi mudada.*

Georges Gusdorf

AGRADECIMENTOS

Ao encerrar um longo período de estudo, leitura, escrita e pesquisa, não há como deixar de agradecer todos que cooperaram nessa minha jornada de formação. Foram anos muito especiais para mim, que me permitiram desenvolver capacidades e conhecimentos que levarei para sempre.

Inicialmente, agradeço meus queridos pais professores, Érica e Júlio. Desde minha infância, aprendi com eles a importância da educação e de nunca viver sem estudar e amar a vida. Tudo o que sou devo a eles, meus primeiros e eternos professores. Chegar à conclusão de mais essa etapa é uma realização que divido profundamente com vocês!

Registro aqui meu profundo agradecimento e gratidão ao meu orientador desta pesquisa, Prof. Dr. Alexandro Henrique Paixão. Ainda durante minha graduação, seu acolhimento me permitiu vislumbrar novos horizontes de estudos. Agradeço imensamente sua dedicação e paciência, principalmente nos momentos difíceis, momentos esses que fazem parte do processo de pesquisa e que me ajudaram muito em minha formação de pesquisador. Suas palavras sábias, suas recomendações de leituras e correções foram determinantes para a composição e finalização deste trabalho.

Agradeço também à banca de qualificação composta pela Prof.^a Dr.^a Mariana Miggiolaro Chaguri e pela Prof.^a Dr.^a Carmen Lúcia Soares. Cada contribuição que fizeram foi essencial para o desenvolvimento e conclusão deste trabalho de pesquisa. Aproveito para agradecer à Prof.^a Dr.^a Ana Lúcia Teixeira e ao Prof. Dr.^o André Luiz Paulilo que gentilmente aceitaram participar da suplência de minha banca e que contribuíram na construção de diálogos no momento de término deste trabalho.

Faço referência aqui e agradeço à cada disciplina que cursei durante os primeiros meses de mestrado, pois foram importantes ao me apresentarem novos temas e autores que ajudaram a enriquecer ainda mais minha jornada de formação.

Além dos espaços tradicionais da sala de aula, quero também relembrar momentos importantes em que tive o privilégio de conviver com excelentes pesquisadores que formaram o Laboratório de Estudos de Cultura, História, Educação, Sociologia e Psicanálise (LECHESP): Camila Caifos, Evelyn Magalhães, Giovana Andrade, Yasmin Camardelli, Gabriela Sêjo, Hiago Maladrin, Issaka Mainassara Bano, Jaqueline Barbieri, Thiago Soares, Patricia Amorim, Emilio Rodrigues, Carla Sampaio, José Ricardo Beltramini de Melo e Mariana Carvalho Murad. Em nossos momentos de interação, foi muito importante para mim compartilhar nossas pesquisas, realizações, temores e risadas.

Agradeço também a todos os meus amigos e familiares, que direta ou indiretamente me ajudaram a percorrer esses anos de estudos da melhor forma possível. Um agradecimento profundo e especial à Camila de Carvalho Garcia, pelo apoio e carinho durante os momentos de escrita desse trabalho que se tornaram mais leves graças à sua presença.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar no interior da vasta obra de Antonio Candido alguns ensaios que apresentam a relação entre educação e literatura. Uma vez selecionados seis ensaios do autor escritos entre 1946 e 1988, escolhidos em função da ênfase dada ao tema da educação e literatura, estes serão examinados levando-se em consideração o papel social da literatura e sua capacidade de atuar como um agente humanizador educacional. Este estudo considera essencial a compreensão do movimento conciliador entre educação e literatura, uma vez que estão na base da elaboração de um projeto crítico de Antonio Candido desenvolvido ao longo de sua produção acadêmica e identificado a partir da análise dos ensaios aqui selecionados.

Palavras-chave: Antonio Candido, Literatura, Educação, Cultura, Sociedade.

ABSTRACT

This research aims to analyze within the vast work of Antonio Candido some essays that present the relationship between education and literature. Once selected six essays by the author written between 1946 and 1988, chosen according to the emphasis given to the theme of education and literature, these will be examined taking into account the social role of literature and its capacity to act as an educational humanizing agent. This study considers it essential to understand the conciliatory movement between education and literature, since they are the basis for the elaboration of a critical project by Antonio Candido developed throughout his academic production and identified from the analysis of the essays selected here.

Keywords: Antonio Candido, Literature, Education, Culture, Society.

SUMÁRIO

Introdução	11
O corpus e método de análise	17
1. Antonio Candido: um homem de seu tempo	21
1.1 De Ringer a Candido: o declínio dos mandarins	22
1.2 A década inspiradora de 1930	24
1.3 A década de 1940 e a Revista Clima	28
1.4 Antonio Candido e sua personalidade singular	30
2. Antonio Candido: um viajante para além de seu tempo	34
2.1 A literatura e a universidade (1946)	35
2.2 O papel do estudo sociológico da escola na sociologia educacional (1955)	40
2.3 Literatura e subdesenvolvimento (1970)	48
2.4 Comentários sobre os ensaios	54
3. Antonio Candido: a comunhão entre humanidade e literatura	64
3.1 A literatura e a formação do homem (1972)	64
3.2 A revolução de 30 e a cultura (1980)	73
3.3 O direito à literatura (1988)	83
Considerações Finais	94
Referências Bibliográficas	97

INTRODUÇÃO

*Por que somos como somos? Como seremos daqui por diante? Quanto de nosso futuro está determinado ou contido no nosso passado?*¹

Antonio Candido, em diversas ocasiões, intitulou-se como sendo um “homem do passado”. Ao falecer em 12 de maio de 2017, com 98 anos, deixou à posteridade uma vasta produção intelectual produzida ao longo de quase todo o século XX que influenciou inúmeras gerações e permanece sendo estudada nos dias atuais. Desenvolvendo trabalhos como sociólogo e crítico literário, Candido trilhou caminhos em meio a diversos campos do conhecimento, como na Sociologia, Antropologia, Filosofia, Literatura e Educação.

Iniciou sua carreira de crítico literário ainda em 1941, sendo um dos fundadores da *Revista Clima*, periódico que reuniu jovens expoentes considerados *intérpretes* da realidade brasileira. Em 1943, ao assinar um rodapé semanal intitulado *Notas de Crítica Literária*, tornou-se nacionalmente conhecido. Já em 1945, defendeu sua tese universitária *O método crítico de Silvio Romero*, desenvolvendo um debate em torno da noção da explicação da literatura a partir de fatores externos à obra literária. Mas, é em 1959 que Antonio Candido lança sua obra capital: *A Formação da literatura brasileira (momentos decisivos)*. É nesse momento que elabora a noção de *sistema literário* e analisa o processo que levou a literatura pátria elevar-se à produção nacional autêntica, despreocupando-se em seguir modelos estrangeiros consolidados.²

Além desses trabalhos centrais, Candido possui também uma considerável produção de ensaios em que não apenas solidifica suas análises, mas amplia seu horizonte ao desenvolver reflexões sobre a relação existente entre literatura e

¹ Ver Simon Schwartzman, Helena Maria Bousquet Bomeny e Vanda Maria Ribeiro Costa. *Tempos de Capanema*. São Paulo: EDUSP, Paz e Terra, 1984, p.17.

² Ver Roberto Schwarz. *Antonio Candido (Um verbete)*. Revista USP, (17), 1993, p. 176-179.

educação. São esses os escritos que servirão como base desta pesquisa e que apresentaremos adiante.

Mesmo sendo um intelectual do século XX, ao contrário do que dizia ser, Antonio Candido não pertence somente ao passado: ao ser lido e analisado, sua obra permanece atual ao refletir sobre as principais realidades que ocorrem em seu país.

Como constatação dessa afirmação, citamos um vídeo publicado pelo Ministério da Educação em seu canal do *Youtube*, de 06 de abril de 2015. Intitulado *Depoimento Antonio Candido*, a filmagem traz a fala do professor na ocasião da nomeação de Renato Janine Ribeiro como novo Ministro da Educação.³ Esse vídeo de apenas seis minutos demonstra a capacidade de Candido de atualizar-se, assim como a sua preocupação em expor sua opinião a respeito de uma nomeação que, a seus olhos, foi acertada.

Neste depoimento, Antonio Candido enfatiza a importância da década de 1930 para a educação no Brasil. Após o movimento armado ocorrido no mesmo ano, houve a criação do Ministério da Educação e Saúde, além do surgimento da primeira universidade pública paulista constituída no país, a Universidade de São Paulo (USP). Trata-se do “ímpeto planejador” do decênio de 1930, conforme anunciou Alfredo Bosi.⁴

Foi durante esse período que várias reformas educacionais foram elaboradas, entre elas a Reforma Campos, idealizada pelo ministro Francisco Campos, que dentre várias medidas, salientou as disciplinas ditas científicas na grade curricular do ensino secundário. É interessante notar, que, nesse vídeo, Candido resgata uma análise que está presente em diversos momentos de seus trabalhos, em especial no texto *A revolução de 30 e a cultura*,⁵ escrito em 1980, de que trataremos nesta dissertação.

³ Consulta site: <https://youtu.be/mZvFy6gdGLs> . Acesso em: 18 out. 2020.

⁴ A expressão “ímpeto planejador” do decênio de 1930 foi criada por Alfredo Bosi. Esse “ímpeto” é possibilitado, principalmente, pela criação da USP, da Escola de Sociologia e Política, da criação do Departamento de Cultura, e mais adiante, no decênio de 1940, do Teatro Brasileiro de Comédia. Ver Paulo Eduardo Arantes. “Providências de um crítico literário na periferia do capitalismo”. In: *Sentido da Formação – três estudos sobre Antonio Candido, Gilda de Melo e Souza e Lúcio Costa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

⁵ Ver Antonio Candido. *A educação pela noite*. 6ª edição, Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.

Consideraremos o depoimento de Candido como “ponto de partida” desta pesquisa. É necessário, como apresenta Erich Auerbach, a partir de um princípio metodológico, escolher um ponto de partida preciso e bem delimitado, e que nasça do próprio objeto estudado. Essa ação permite a irradiação do entendimento necessário para a interpretação de uma gama de experiências muito mais ampla do que esse próprio fenômeno inicial apresenta.⁶ Dessa forma, o papel inicial do vídeo é de possibilitar uma verdadeira “viagem no tempo”, isto é, caminhar juntamente com Candido até o decênio de 1930 e compreendê-lo como uma década de inspiração, de formação de um novo universo de sensibilização diante dos dilemas do país. Será esse “novo horizonte”, juntamente com sua formação universitária iniciada no decênio seguinte, que possibilitarão ao nosso autor refletir em vários momentos de sua profícua carreira como literatura e educação interagem.

A partir da leitura prévia de alguns dos seus escritos, vemos, na verdade, que existe um conjunto de ensaios do autor que se preocupam com tal temática. Os ensaios a que nos referimos e que servirão de *corpus* para o desenvolvimento desta pesquisa foram produzidos em épocas distintas, mas apresentam um mesmo intuito: compreender como se dá o movimento dialógico entre educação e literatura. Os ensaios são os seguintes: *A literatura e a universidade*, de 1946; *O papel do estudo sociológico da escola na sociologia educacional*, de 1955; *Literatura e subdesenvolvimento*, de 1970; *A literatura e a formação do homem*, de 1972; *A revolução de 30 e a cultura*, de 1980 e *O direito à literatura*, de 1988. Conforme se observa, o arco temporal desta pesquisa engloba os anos de 1940 até o final dos anos de 1980, quarenta anos, na verdade, o que do ponto de vista histórico-sociológico figura muitos fatos sociais e literários. Contudo, nos limitaremos aos elementos constitutivos internos aos textos, ou seja, aos fatos literários e sociais elaborados pela tinta e papel de Antonio Candido e não pela vida real, externa às obras. Em outras palavras, a preocupação desta pesquisa é expor o texto e o contexto recriados internamente por Candido nos seis ensaios selecionados para análise e interpretação.⁷

⁶ Ver Erich Auerbach. “Filologia da Literatura Mundial”. In: *Ensaio de literatura ocidental: filologia e crítica*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2007, pp.369-372.

⁷ Inspiramo-nos naquilo que Raymundo Faoro realiza com Machado de Assis quando descreve para nós sua operação interpretativa do escritor e sua época: “este o caminho tentado, para reconquistar,

Diante disso, é importante retomar esse conjunto de ensaios para compreender como Antonio Candido se movimenta analiticamente entre educação e literatura no interior de parte de sua produção crítica e sociológica. Além disso, e com base em um levantamento bibliográfico prévio, observa-se que esses ensaios de crítica literária e sociologia da educação não têm sido combinados para pensar o problema de educação, literatura e sociedade no Brasil. Portanto, essa é mais uma contribuição que imaginamos apresentar no desenvolvimento deste trabalho. Ademais, esta pesquisa oferece também a possibilidade de debater a educação de forma a superar o ambiente exclusivamente educacional, isto é, tratar a educação e a formação humana levando em consideração outros processos educativos da vida, que não dependem propriamente de instituições escolares tradicionais, como a própria literatura, pois já dizia Candido – *ela ensina, porque faz viver*.

Para Candido, ao se pensar em educação, considera-se o caráter educador, transgressor e humanizador da literatura. Nessa relação entre literatura e educação, a literatura educa e a educação faz desenvolver a literatura de um povo, promovendo, assim, a humanização.

Entendo aqui por humanização [...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.⁸

A literatura, agindo como um instrumento de conhecimento, com incorporações difusas e até inconscientes, somada com sua capacidade de expressão (manifestando visões de mundo dos indivíduos e dos grupos), além de ser uma construção de objetos autônomos com estruturas e significados, é capaz de operar

no Machado de Assis impresso, não o homem e a época, mas o homem e a época que se criaram na tinta e não na vida real". Ver Raymundo Faoro. *Machado de Assis: A pirâmide e o trapézio*. 4ª ed. rev. Rio de Janeiro: Globo, 2001, p. 13.

⁸ Ver Antonio Candido. "O direito à literatura". In: *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 182.

um processo humanizador da qual carece a sociedade brasileira em todos os tempos, embora Candido enfatize os anos de 1980, quando o assunto dos direitos humanos é pauta política e decisória na construção de uma sociedade verdadeiramente democrática.

Em mais um trecho do ensaio *O direito à literatura*, evidencia-se a essência do pensamento social do autor sobre a educação:

Acabei de focalizar a relação da literatura com os direitos humanos de dois ângulos diferentes. Primeiro, verifiquei que a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. Em segundo lugar, a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual. Tanto num nível quanto no outro ela tem muito a ver com a luta pelos direitos humanos.⁹

A literatura, funcionando como um elemento de humanização e de formação de personalidade, somada à sua capacidade de ser um instrumento de organização ou crítica social, ao se unir à educação, possibilita um desenvolvimento da sociedade em inúmeros aspectos, bem como favorece, segundo Candido, a luta pelos direitos humanos.

Podemos dizer que estamos diante de um programa literário-pedagógico que constitui um *projeto de formação*, visa o desenvolvimento humano e a conquista da cidadania no Brasil. Tal projeto se solidifica sobre o movimento dialógico entre educação e literatura e que constitui a hipótese desta pesquisa.

Este trabalho tem consciência dos desafios de se considerar décadas passadas à luz de preocupações e anseios contemporâneos. Evocamos aqui não somente a década de 1930 e a de 1940, esta última que se caracteriza sobretudo pela formação acadêmica de Candido, como também um longo arco temporal, que vai

⁹ Antonio Candido, *Vários escritos*, *op. cit.*, p. 188.

desde a já citada década de 1940 até anos finais da década de 1980, momento da escrita do último ensaio aqui estudado, *Direito à literatura*.

Essa questão acarreta no que Raymond Williams, importante sociólogo e teórico da comunicação e da cultura, afirma como sendo um “problema de perspectiva”. É comum apontar o passado como um tempo vindouro, e usá-lo como argumento para se criticar o presente. Contudo, Williams afirma que tal pensamento deve ser feito de uma forma objetiva, para que assim, possamos nos remeter criticamente ao passado e refletir sobre o presente. Na verdade, um presente carregado de vestígios do passado. A esse respeito, o autor galês tece o seguinte comentário sobre o contexto inglês:

Mais uma vez, porém, o que parecia ser uma única escada rolante, um perpétuo recuo para o passado, revela-se, após um pouco de reflexão, um movimento mais complicado: a Velha Inglaterra, a estabilidade, as virtudes campestres – na verdade, todas essas coisas têm significados diferentes em épocas diferentes, colocando em questão valores bem diversos. Teremos de realizar uma análise precisa de cada tipo de retrospectão à medida que forem surgindo.¹⁰

A construção histórica, portanto, é uma ação que depende diretamente da visão que se quer ter a respeito do objeto. Todo ato de reconstrução histórica, necessariamente, trata-se de um ato de perspectiva, mergulhada em uma mistura de forças entre o passado e o futuro. Dessa forma, esta pesquisa buscará, a partir da leitura de ensaios produzidos em diferentes épocas passadas, examinar aspectos do movimento entre educação e literatura em Antonio Candido, considerando a realidade interna dos textos bem como possíveis relações com o contexto social de produção.

Apontados esses pressupostos iniciais e basilares para esta pesquisa, nosso movimento diante de tais temáticas ocorrerá da seguinte maneira: primeiramente, pretendemos observar como se deu a influência dos decênios de 1930 e 1940 na formação de Candido, e qual *projeto de formação* entendemos que ele apontou em sua obra, projeto esse que considerava como centrais as áreas da

¹⁰ Ver Raymond Williams. “Um problema de perspectiva.” *In: O Campo e a Cidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 25.

literatura e educação; ainda, apresentaremos essa análise a partir de conceitos que nos são caros, como a ideia de *personalidade singular* em Georg Simmel e o desenvolvimento de uma *intelligentsia* brasileira, estudada à luz das considerações de Fritz Ringer.

Em seguida, iniciaremos um estudo detido sobre a obra de Candido, sobretudo diante dos ensaios que aqui selecionamos e que nos servirão como *corpus* desta pesquisa, como já citado. Os ensaios *A literatura e a universidade*, de 1946; *O papel do estudo sociológico da escola na sociologia educacional*, de 1955 e *Literatura e subdesenvolvimento*, de 1970, serão lidos e analisados lado a lado, na tentativa de iluminarmos aspectos que nos apresentem as principais preocupações do autor e a relação que ele construiu entre literatura e educação. E, ao final, pretendemos continuar com a análise dos ensaios posteriores, a saber: *A literatura e a formação do homem*, de 1972; *A revolução de 30 e a cultura*, de 1980 e *O direito à literatura*, de 1988.

Entendemos que o agrupamento desses ensaios a partir desses grupos de análise é vital para organizarmos os tópicos apresentados pelo autor e apresentar uma análise flúida que observe cada texto como um *continuum* na obra de Candido, apontando seu desenvolvimento¹¹.

O corpus e método de análise

Diante de inúmeros modos existentes de se realizar interpretações, os ensaios serão estudados a partir do método desenvolvido por Erich Auerbach denominado *explication de texte* ou *comentário*¹². Segundo o próprio autor, esse método baseia-se na prática de

¹¹ Importante acrescentar que o próprio Antonio Candido, em diversos momentos, também organizou suas produções ensaísticas a partir de divisões que permitam uma análise comparada devido às discussões básicas em comum que apresentam. Para o nosso agrupamento aqui apresentado, inspiramo-nos na organização que o próprio autor definiu em sua obra *Ensayos y Comentarios*, explicada no prefácio da publicação. Ver Antonio Candido. *Ensayos y Comentarios*. Campinas/ México: Editora da Unicamp/ Fondo de Cultura Económca, 1995.

¹² Ver Alexandro Henrique Paixão. "Sobre a cidade no romantismo brasileiro". *In: Baleia na Rede* (Cessada) [S. l.], v. 1, n. 8, 2012, 145.

apresentar, para cada época, uma certa quantidade de textos, para com base nos mesmos pôr à prova os meus pensamentos, leva imediatamente para dentro do assunto, de tal forma que o leitor chega a sentir do que se trata, ante que lhe seja impingida uma teoria¹³.

Em outras palavras, procuraremos, logo de imediato, apresentar o texto a ser estudado de forma que a análise já comece a ser construída de antemão, a partir do primeiro contato com o escrito. E sempre, tudo o que se for apontado, deverá constar na próprio texto de Candido. Ao conferir a eficácia da forma de sua análise, Auerbach aponta que o

médoto de me deixar dirigir por alguns motivos de forma paulatina e despropositada e de pô-los à prova mediante uma série de textos que se me tornaram conhecidos e vivos durante a minha atividade filológica, parece-me fecundo e factível; pois estou convencido de que aqueles motivos fundamentais da história da representação da realidade, se os vi corretamente, devem poder ser encontrados em qualquer texto realista escolhido ao acaso.¹⁴

Antonio Candido, reconhecido por obras analíticas de prestígio, desenvolveu também um método de análise que apresenta pontos em comum com esse que exemplificamos¹⁵. Denominou-o como “comentário e interpretação literária”. Para ele,

Num texto literário há essencialmente um aspecto que é tradução de sentido e outro que é tradução do seu conteúdo humano, da mensagem através da qual um escritor se exprime, exprimindo uma visão do mundo e do homem. O estudo do texto importa em considerá-lo da maneira mais íntegra possível, como comunicação, mas ao mesmo tempo, e sobretudo, como expressão. O que o artista tem a comunicar, ele o faz na medida em que se exprime. A expressão é o aspecto fundamental da arte e, portanto, da literatura. O comentário é uma espécie de tradução, feita previamente à interpretação,

¹³ Ver Erich Auerbach. *Mimesis*. Editora Perspectiva: São Paulo, 2001, p. 501.

¹⁴ Ver Erich Auerbach. *op. cit.*p. 494.

¹⁵ De forma sucinta, temos aqui uma ferramenta de análise baseada na exposição, análise e desdobramento conceitual que acarretam em um amplo entendimento do texto em análise, conforme nos orienta Leopoldo Waizbort, que também nos ajudou em seu livro a compreender a passagem de Antonio Candido por Auerbach. Ver Leopoldo Waizbort. *A passagem do três ao um*. São Paulo: Cosac Naify, 2007, p. 63.

inseparável dela essencialmente, mas teoricamente podendo consistir numa operação separada.¹⁶

Nesse momento, tanto o comentário quanto a interpretação literária seriam fases distintas da análise, mas conectadas. O comentário é responsável por levantar aspectos práticos, estrutura do texto, formas de desenvolvimento e construção, além da observância de suas condições de produção. Já a interpretação literária

se distingue por ser eminentemente integradora, visando interpretação, ao contrário do comentário, (fase inicial da análise) não dispensam a manifestação do gosto, a penetração simpática no poema. Comenta-se qualquer poema; só se interpretam os poemas que nos dizem algo. A análise está no meio do caminho, podendo ser, como vimos, mais análise-comentário ou mais análise-interpretação.

Análise e interpretação representam os dois momentos fundamentais do estudo textual, isto é, os que poderiam chamar respectivamente o “momento da parte” e o “momento do todo”, completando o círculo hermenêutico, ou interpretativo, que consiste em entender o todo pela parte e a parte pelo todo, a síntese pela análise e a análise pela síntese.¹⁷

Sendo assim, à luz do método de Aurbach e pela consideração do método de Candido, buscaremos, a partir de agora, a construção de uma análise detida sobre alguns ensaios que compõem a obra do autor. Ambos estudiosos apresentaram um impulso em comum: ver a crítica e o estudo do texto como uma atividade viva e como uma verdadeira arte, como aponta Jorge Ruedas de la Serna, o último orientando de Candido. Para isso, faz-se necessário uma correta leitura do que está em análise, e antes, uma detida seleção de textos que permitam uma leitura paralela, comparativa. Portanto, esta pesquisa considera tais processos como vitais para seu desenvolvimento.¹⁸

Temos consciência que os exemplos aqui apontados são reconhecidos como grandes formas de análise, e que indicá-los como modelos impõe um desafio a este trabalho. Porém, trata-se de um método considerado necessário para que o que

¹⁶ Ver Antonio Candido. *O estudo analítico do poema*. São Paulo: Humanistas – FFLCH/USP, 1996, p. 27.

¹⁷ Ver Antonio Candido. *op. cit*, p. 29.

¹⁸ Ver Jorge Ruedas de la Serna, “El metodo critico de Antonio Candido”. In: *História e Literatura – Homenagem a Antonio Candido*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2003, p. 401-403.

nos propomos, já que estabelece uma relação próxima entre o texto e sua observação, diminuindo os riscos de distanciamentos, sempre muito frequentes.

Para a análise dos textos, desenvolvemos duas operações distintas: no capítulo II, os ensaios serão apresentados e, em um momento posterior, analisados comparativamente. Já no capítulo final, a apresentação e análise dos textos acontecerão simultaneamente, ao mesmo tempo em que intentaremos trazer ao diálogo contribuições dos ensaios discutidos anteriormente. Dessa forma, ao aplicarmos exercícios distintos ao estudo da obra selecionada, entendemos que o método da explicação de texto aqui apresentado ocorrerá de maneira eficiente, já que permitirão um estudo comparativo dos ensaios do autor.

Importante acrescentar que, para esse momento de análise que se inicia, inspiramo-nos em outra obra de referência de Antonio Candido: *Na sala de aula – caderno de análise literária*. Nela, o autor analisa seis poemas diversos com o intuito de propor técnicas e análises ao professor e ao aluno no momento da interpretação literária. Sobre esse processo, Candido nos oferece um caminho: “Ler infatigavelmente o texto analisado é a regra de ouro do analista, como sempre preconizou a velha “*explication de texte*” dos franceses. A multiplicação das leituras suscita intuições, que são o combustível nesse ofício.”¹⁹ Será essa prática que procuraremos desenvolver neste trabalho.

¹⁹ Ver Antonio Candido. *Na sala de aula – caderno de análise literária*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017, p. 10.

CAPÍTULO I

ANTONIO CANDIDO: UM HOMEM DE SEU TEMPO

É uma ilusão tua, também as ilhas às vezes parece que flutuam sobre as águas, e não é verdade, Que pensas fazer, se te falta a tripulação, Ainda não sei, Podíamos ficar a viver aqui, eu oferecia-me para lavar os barcos que vêm à doca, e tu, E eu, Tens com certeza um mester, um ofício, uma profissão, como agora se diz, Tenho, tive terei se for preciso, mas quero encontrar a ilha desconhecida, quero saber quem sou eu quando nela estiver, Não o sabes, Se não saís de ti, não chegas a saber quem és, O filósofo do rei, quando não tinha o que fazer, ia sentar-se ao pé de mim, a ver-me passajar as peúgas dos pajens, e às vezes dava-lhe para filosofar, dizia que todo o homem é uma ilha, eu, como aquilo não era comigo, visto que sou mulher, não lhe dava importância, tu que achas, Que é necessário sair da ilha para ver a ilha, que não vemos se não nos saímos de nós (...)²⁰

O trecho destacado foi extraído da obra *O conto da ilha desconhecida*, do autor português José Saramago, escrito em 1997. A partir de uma escrita solidificada pelo uso de metáforas, Saramago narra o dilema de um homem que desejava, a todo custo, solicitar ao rei que lhe desse um barco para conquistar a ilha desconhecida. Contudo, mesmo conseguindo o barco, não encontrou companheiros para embarcar com ele nessa aventura, já que *a ilha desconhecida* era uma realidade incerta. Conseguiu apenas a companhia de uma mulher que trabalhava na limpeza do palácio que, como ele, almejava o mesmo destino: descobrir um novo lugar e, acima de tudo, *saber quem sou em quando nela estiver*. Ao que tudo indica, tratava-se de uma viagem que possibilitaria uma experiência única de autoconhecimento aos sujeitos que a desejavam realizar.

Essa narrativa nos apresenta um dilema que também está presente na vida e na obra de Antonio Candido. Ao contrário do que pensava o filósofo do rei na obra de Saramago, é possível afirmar que Candido não consideraria *que todo homem é uma ilha*. Muito pelo contrário: buscaremos mostrar a partir desse momento que seu trabalho como um dos maiores intelectuais brasileiros caracterizou-se justamente por um diálogo intenso com outras personalidades que, assim como ele, desejavam compreender o Brasil, que iniciava profundas transformações durante os anos de

²⁰ Ver José Saramago. *O conto da ilha desconhecida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.40.

1930, ao mesmo tempo em que desenvolvia suas próprias análises como um ser único e cheio de experiências. Nesse movimento, ocorre como se Candido, com sua vida e com sua obra, personificasse a necessidade de *sair da ilha para ver a ilha, que não vemos se não nos saímos de nós*. Candido, em 2015, estava distante da ilha de 1930, mas esse pedaço de terra cercada de um mar de gente e de acontecimentos, é um arquipélago a ser revisitado. Consideramos essa imersão ao passado como fundamental para compreendermos a construção do projeto crítico do autor que tem como base justamente o movimento dialógico entre educação e literatura.

1.1 – De Ringer a Candido: o declínio dos mandarins

Nossa bússula inicial será outro autor, Fritz Ringer, quando, em *O declínio dos mandarins alemães*, observa que para “construir uma história rigorosamente empírica da crença”²¹ é preciso falar dos intelectuais e suas instituições, daí a importância de se pensar o papel dos chamados *mandarins alemães* na sociedade alemã, especificamente durante os anos de 1890 a 1933, período esse de intensa modernização tecnológica e industrial no país, fato que ocorria em detrimento da tradição clássica do ensino superior alemão.

Esta pesquisa apresenta um objetivo dialógico com essa obra²², guardadas as devidas proporções, a partir do momento que objetiva pensar qual o papel e a importância que Antonio Candido, um intelectual acadêmico, no Brasil, teve após vivenciar profundas transformações ocorridas no país com o advento do decênio de

²¹ Ver Fritz Ringer. *O declínio dos mandarins alemães*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 200, p. 10.

²² O estudo de Fritz Ringer busca analisar a formação dos mandarins alemães, bem como suas opiniões a respeito da repentina transformação da Alemanha em um país extremamente industrializado. Era notório um grande receio por parte desses indivíduos ao presenciarem tais transformações, pois temiam que o progresso material trouxesse consigo uma série de graves perigos, principalmente à cultura e à tradição clássica e à universitária. Inclusive homens de letras reagiram contrários à civilização democrática de massas temendo um descontrole por parte da efervescência tecnológica do momento.

Ringer explica a base ideal educacional tão defendida pelos mandarins. Ela seria baseada sobre os conceitos de *Bildung* e *Kultur*, que seriam, respectivamente, educação e cultura. Para essa perspectiva, a alma humana deveria ser formada ou educada (*Bildung*) a partir de um ambiente cultural adequado (*Kultur*), que ocasionaria em uma formação individual e ao mesmo tempo universal, buscando a totalidade.

1930 e o início de sua formação acadêmica e carreira crítica, ocorridos no decênio seguinte.

Os mandarins, por definição, seriam “a elite social e cultural que deve seu status muito mais às qualificações educacionais do que à riqueza ou aos direitos hereditários”. São médicos, advogados clérigos, funcionários do governo, professores com diplomas de curso superior. “Os intelectuais mandarins, principalmente os professores universitários, preocupam-se com a dieta educacional da elite. Preservam os padrões de qualificação que permitem a afiliação ao grupo e agem como seus porta-vozes em questões culturais”.²³

É possível então tratar a *intelligentsia* acadêmica alemã como um grupo, e um dos principais objetivos deste estudo é mostrar as conexões entre, de um lado, as experiências desse grupo e, de outro, suas opiniões e atitudes comuns. (...) Num empenho em mostrar que determinados pontos de vista lhe eram naturais, que ele reagia compreensivelmente de maneira característica, descreverei suas origens históricas, sua formação educacional e sua posição social como um todo²⁴.

Esta pesquisa se estabelece sobre a premissa de que assim como houve uma formação lenta e gradual de uma elite intelectual alemã que, aos poucos, fora conquistando um local privilegiado de fala no seio da sociedade alemã, temos no Brasil, a partir dos decênios de 1930 e 1940, a formação de uma elite jovem intelectual, responsável pelo desenvolvimento de inúmeros estudos fundamentais em diversos campos do conhecimento, inclusive, no da cultura. Tais intelectuais exerceram a difícil tarefa de *sair da ilha para ver a ilha* a partir do advento de um momento propício à formulação de novas formas de se pensar o país.

Sobre esse período, Candido, no prefácio da obra *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, afirma que toda uma geração de estudantes aprendeu a refletir e a se interessar pelo país

sobretudo em termos de passado e em função de três livros: *Casa-grande e Senzala*, de Gilberto Freyre, publicado quando estávamos no ginásio; *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, publicado quando estávamos no curso complementar; *Formação do Brasil*

²³ Ver Fritz Ringer. op.cit., p. 22.

²⁴ Ver Fritz Ringer. op.cit., p. 21.

Contemporâneo, de Caio Prado Júnior, publicado quando estávamos na escola superior. São estes os livros que podemos considerar chaves, os que aparecem exprimir a mentalidade ligada ao sopro de radicalismo intelectual e análise social que eclodiu depois da Revolução de 1930 e não foi, apesar de tudo, abafado pelo Estado Novo.²⁵

Será esse período de mudanças e de inspiração que observaremos com mais atenção a partir deste momento. Entendemos que esse exercício se faz necessário para a compreensão das bases do projeto crítico de Antonio Candido, que estabelece o movimento entre educação e literatura como eixo fundamental.

1.2– A década inspiradora de 1930

Como já salientamos, esta pesquisa busca compreender a relação que Antonio Candido estabelece entre educação e literatura em um conjunto de ensaios escritos ao longo de sua carreira. Nesses textos, é notável a relevância que o autor concede à década de 1930 no Brasil. Mas, por que essa centralidade em um período tão distante? Por que, ao falar de educação na contemporaneidade, Candido, em vídeo já citado, retoma esse decênio?

Os anos de 1930 trouxeram ao Brasil profundas modificações em diversos campos da sociedade. A primeira mudança foi a destituição do então presidente Washington Luís por Getúlio Vargas no dia 03 de novembro, fato que pôs fim à Primeira República e inaugurou um novo período na história da política brasileira, com o Governo Provisório. A partir de então, dar-se-ia o início à Era Vargas. Essa cisão política era apenas o início das mudanças que ocorreriam.

No campo cultural, as transformações foram relevantes, como podemos perceber na obra *Tempos de Capanema*, ao afirmar que a

principal realização do Estado Novo na área da cultura talvez tenha sido a implantação de um sistema de recuperação e preservação do patrimônio artístico e cultural do país, que daria testemunho do passado mais autêntico e da identidade nacional que se buscava construir. Tão forte foi a atmosfera que envolveu a política de

²⁵ Ver Sérgio Buarque de Holanda. *Raízes do Brasil*. 26.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 9.

preservação do patrimônio que, até hoje, aquele período é lembrado como a "idade de ouro" do patrimônio brasileiro.²⁶

Em vídeo divulgado pelo Ministério da Educação ao qual fizemos referência no início deste trabalho, Antonio Candido reafirma a importância dessas realizações educacionais ocorridas durante o decênio de 1930, principalmente a reestruturação do ensino secundário e o desenvolvimento do ensino superior no país a partir de um investimento no surgimento de universidades, como a própria USP (Universidade de São Paulo), em 1934, e universidades particulares, como a PUC, no decênio seguinte.

É importante destacar a preocupação do Governo de Vargas em contar com o apoio de intelectuais da época. O ministro da educação e saúde, Gustavo Capanema, o mais longevo em sua função (1934-1945), fez questão de manter próximos de si importantes figuras, como Carlos Drummond de Andrade, Mário de Andrade, Rodrigo Melo Franco de Andrade, entre outros. A importância da participação dessa elite intelectual no governo se baseava no pensamento de que

eles eram uma elite capaz de "salvar" o país, pois estavam sintonizados com as novas tendências do mundo e atentos às diversas manifestações da cultura popular. Os artistas e intelectuais tratavam em suas obras das questões sociais que estavam na ordem do dia e participavam do debate político-ideológico entre a direita e a esquerda que mobilizava o mundo. Nos livros publicados por uma indústria editorial em expansão, aprofundava-se a temática da cultura negra, indígena e caipira. Através da literatura proletária e do romance regionalista fazia-se a crítica dos valores da sociedade patriarcal e oligárquica identificados com o tempo passado. Interessava agora retratar a vida do homem comum das cidades e dos sertões²⁷.

Ao se observar as importantes obras desse período, como citado a pouco, temos *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freire²⁸, publicada em 1933, e *Evolução*

²⁶ Ver Helena Bomeny, Vanda M. R. Costa e Simon Schwartzman. *Tempos de Capanema*. São Paulo: EDUSP: Paz e Terra, 1984, p. 24.

²⁷ Ver Diretrizes do Estado Novo (1937 - 1945) - Educação, cultura e propaganda. *op. cit.* 2020.

²⁸ Para uma abordagem mais profunda sobre Gilberto Freire, ver Elide Rugai Bastos. *As criaturas de Prometeu: Gilberto Freyre e a formação da sociedade brasileira*. São Paulo: Global, 2006 e Ricardo Benzaquen Araújo. *Guerra e paz: Casa-Grande & senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

política do Brasil, de Caio Prado Junior²⁹, publicada no mesmo ano. A obra *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda³⁰, à qual já fizemos referência aqui, é datada de 1936. Esses três trabalhos são exemplificações de como o decênio de 1930 foi propício para o surgimento de inquietações por parte de estudiosos da época que embarcaram no desafio de tentarem compreender o país, suas necessidades e raízes culturais diante das transformações impostas pela modernidade. A partir desses estudos, ficou clara a tentativa de se pensar o Brasil, entendê-lo a partir de suas contradições, permitindo um estímulo à confirmação da identidade do brasileiro, projeto esse altamente nacionalista, patriótico, que era de interesse particular do próprio Estado Novo.

Sobre esse interesse estatal na reelaboração da visão nacional, a cultura e a educação exerceriam ações vitais para que o projeto pudesse ser desenvolvido, como apontam Helena Bomeny, Vanda Costa e Simon Schwartzman, a saber:

A cultura, nos tempos de Capanema, também era vista como campo de construção da alma nacional. Nos anos 1920, o modernismo havia vislumbrado a possibilidade de construção de um país mais autêntico, menos mimético, e essa busca do "Brasil Real" na literatura, na pintura e na música se mesclava com a busca de um "Brasil real" na política e na vida em sociedade, onde o formalismo da república oligárquica pudesse ser substituído pela construção de um Estado nacional forte e voltado para o progresso e para o futuro. Essa aproximação entre a busca da autenticidade e o autoritarismo político era dominante naqueles anos, e que as democracias pareciam condenadas ao fracasso, e os autoritarismos de esquerda e de direita se confundiam em nome dos valores, supostamente mais altos, da cultura e da nacionalidade. Capanema, inspirado por Francisco Campos, apoiado em Carlos Drummond e Alceu Amoroso Lima, procura construir seu projeto cultural em cima dessa ambiguidade³¹.

²⁹ Para uma abordagem mais profunda sobre Caio Prado Junior, ver Maria Angela D'incao (org.). *História e ideal: ensaios sobre Caio Prado Júnior*. São Paulo: Brasiliense, 1989 e Fernando Novais. "Introdução" in Formação do Brasil contemporâneo: colônia in SANTIAGO, Silviano. *Intérpretes do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguillar, 2000.

³⁰ Para uma abordagem mais profunda sobre Sérgio Buarque de Holanda, ver Robert Wegner. *A Conquista do Oeste: a fronteira na obra de Sérgio Buarque de Holanda*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000 e Maria Amélia Buarque de Holanda. Apontamentos para a cronologia de Sérgio Buarque de Holanda. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. ed. comemorativa 70 anos. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

³¹ Ver Helena Bomeny, Vanda M. R. Costa e Simon Schwartzman. *Tempos de Capanema*. São Paulo: EDUSP: Paz e Terra, 1984, p. 23.

É justamente nesse cenário de grande efervescência política e cultural que encontramos o início da formação intelectual em nível superior de Antonio Candido. Começou seus estudos na USP em 1939, aos 21 anos, no curso de Ciências Sociais, que concluiu em 1942. Durante esses anos, encontrou outros jovens que, assim como ele, identificaram o momento propício para se valerem das artes como instrumentos únicos e dinâmicos para se refletir o Brasil.

É a partir de mais esta premissa que este trabalho se solidifica: acreditamos ser fundamental compreendermos Antonio Candido como um jovem que se formou justamente após ter experienciado modificações no país ao longo do decênio de 1930. Apontamos que essa experiência foi vital para o autor ao elaborar seus estudos de educação e literatura. Mostra-se relevante fazermos esse retorno temporal para que, retornando aos tempos de Capanema seja possível,

de alguma forma, [retornar] às matrizes de valores, ideias e instituições que ainda perduram em novo inconsciente, encarnados em nossas leis e instituições, e que nos impedem de saber se realmente ainda as queremos, ou se devemos procurar outros rumos e alternativas.³²

Portanto, esta pesquisa aponta o decênio de 1930 como uma década de inspiração e de criação de um novo universo de sensibilização no que se refere à identificação e tomada de atitude em relação aos dilemas que o Brasil enfrentava. Candido se valeu desse momento para iniciar sua vida acadêmica.

Retornar a esse momento significa, também, reconstruirmos as relações sociais e de amizade que Candido desenvolveu, pois desempenharam um importante papel na construção de seu pensamento crítico, cuja fonte não é o movimento da Escola Nova³³, dentro do campo da Educação em formação, mas atrelado a um Pensamento Social Brasileiro em andamento, dentro do campo das Ciências Sociais em formação e em diálogo com a crítica da cultura (literatura, principalmente). Esse diálogo com o Pensamento Social Brasileiro é o que procuraremos apresentar agora.

³² Ver Helena Bomeny, Vanda M. R. Costa e Simon Schwartzman. *op.cit*, p. 25 – interpolação por minha conta.

³³ Ver André Paulilo. “A cidade como programa: Escola pública e vida urbana na capital da Velha República”. In: *História Social*. Revista de Pós-graduação em História da Unicamp. n. 21, 2011.

1.3– A década de 1940 e a *Revista Clima*

A fundação da Universidade de São Paulo (USP) e da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) em 1934 marcaram o início de um novo momento no campo intelectual brasileiro. Foi ao final do ano de 1939 que jovens intelectuais acadêmicos se conheceram e, a partir de suas interações e desejos em comum, encontraram um objetivo que mudaria o cenário crítico da época: a fundação da Revista *Clima*. Esse grupo fora composto por Décio de Almeida Prado, Paulo Emílio Sales Gomes, Lourival Gomes Machado, Gilda de Melo e Sousa, dentre outros. A revista detinha-se na análise crítica de objetos culturais, como cinema, teatro, música e literatura, ao mesmo tempo em que se consagrava como um verdadeiro “laboratório” para a publicação de textos inéditos de seus autores, que iniciavam suas carreiras fora do ambiente exclusivo da academia.

Foram muitos os intelectuais que serviram de inspiração para esses jovens que vislumbravam um futuro como críticos. Podemos citar Jean Maügué, Claude Lévi-Strauss e Roger Bastide, todos integrantes da missão francesa que possuía a determinante tarefa de implementar no país uma nova forma de pensar o Brasil a partir de estudos científicos e acadêmicos. Durante as aulas de Jean Maügue, Gilda de Melo e Sousa afirma que

[...] nasceu espontaneamente o nosso grupo, fruto de um conjunto de afinidades e circunstâncias. Em primeiro lugar, éramos todos discípulos de Maugüé; em seguida, tínhamos todos mais pendor literário que filosófico; em terceiro lugar – e descontados os matizes mais variados – éramos todos esquerdizantes; e por último, tínhamos origens sociais equivalentes. Parafrazeando Paulo Emílio e o seu talento de cunhar fórmulas, pertencíamos àquele setor da burguesia, formado por profissionais liberais, altos funcionários, fazendeiros e industriais médios [...] Essas injunções nos davam um ar de família, um viés definido de enxergar o real.³⁴

³⁴ Ver SOUZA, Gilda Mello. “Depoimento”. In: *Língua e Literatura*, (10-13), 1981-84, pp. 132-156 *apud* Heloisa Pontes. *Destinos mistos: os críticos do Grupo Clima em São Paulo, 1940-68*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Ao lermos o relato da própria Gilda, vemos como a obra de Fritz Ringer, citada aqui anteriormente, trás luz à nossa tentativa de compreender a formação desse grupo de intelectuais. De fato, assim como os intelectuais mandarins na Alemanha apresentavam semelhanças, vemos que esses jovens formadores da Revista *Clima*, os *chato-boys* como brincara Oswald de Andrade, possuíam visões de mundo semelhantes, já que apresentavam formação e características familiares próximas.

Como afirma Heloísa Pontes, um ano após o funcionamento da Revista, os escritores começaram a receber convites para escreverem na imprensa diária.

O primeiro [convite] deles foi feito a Lourival Gomes Machado. Ele que havia sido o primeiro do grupo a inserir-se profissionalmente na Faculdade de Filosofia (em 1939), passou a trabalhar também como crítico de arte nos jornais da Folha (a partir de 1942) e, mais tarde, como redator especializado da seção de política internacional de O Estado de S. Paulo (a partir de 1946). No ano de 1942, Lourival levou Ruy Coelho para a Folha da Noite, que ali permaneceu até 1943, quando então transferiu-se para o Diário de São Paulo, na condição de crítico de cinema – função que exerceria até setembro de 1945. Nesse último jornal, Décio de Almeida Prado fez uma curta temporada como crítico, não de teatro mas de cinema, no mês de fevereiro de 1944, no lugar de Ruy Coelho que estava de férias. Dois anos depois, passaria a escrever com regularidade para o Estado de S. Paulo, como crítico de teatro. Antonio Candido, por fim, tornou-se crítico titular de literatura da Folha da Manhã, em janeiro de 1943, graças à mediação de Lourival que o indicou a Hermínio Sachetta, então secretário de redação do vespertino.³⁵

Diante desse trabalho crítico que estava ganhando notoriedade e avançando diante de espaços cada vez menos acadêmicos, mas com grande visibilidade social, os jovens da *Revista Clima* possuíam consciência da responsabilidade que tinham, ainda mais quando se comparavam com outros intelectuais de gerações anteriores. Como Pontes afirma, “eles fixaram os contornos da plataforma intelectual e política da geração”³⁶, mas mantendo a consciência de que

³⁵ Ver Heloísa Pontes. *Ar de família: a turma de Clima*. Literatura e Sociedade, v. 14, n. 12, p. 62-73, 6 dez. 2009 – interpolação por minha conta.

³⁶ Ver Heloísa Pontes. op.cit, p. 69.

muito já havia sido feito anos mais tarde. Para marcar as diferenças entre as gerações, Camila Caifos afirma que

a configuração em que se encontra a geração de Candido não é mais aquela em que atuavam os intelectuais da geração anterior, a quem ele chama de “maiores”, e apesar de o espírito crítico atravessar mudanças históricas e sociais, Candido observa diferenças fundamentais que traçam uma nova perspectiva em relação ao papel do intelectual no contexto social de seu tempo: enquanto a crítica da geração de Vinte é tomada por ele como “demolidora e construtora”, na medida em que rompe com padrões artísticos e define novos, a crítica da sua geração é “analítica e funcional”, e nesse sentido diverge daquela oferecida pelos intelectuais das décadas anteriores.³⁷

Nesse período, Candido pertenceu a uma geração de críticos que detiveram a difícil tarefa de mediação entre o público brasileiro, acostumado com a leitura de literaturas estrangeiras, e os autores modernistas. Ter consciência desse passado permite a compreensão de que nosso autor possuiu um papel determinante na formação do gosto artístico individual e coletivo do país³⁸ e este processo se iniciou justamente no decênio de 1940.

Ao compreendermos a importância de encararmos Antonio Candido como pertencente a uma geração que soube de seu papel no decorrer dos anos, é fundamental entendermos o indivíduo autor em si, enquanto um sujeito individual, subjetivo, que se transforma e vai se formando com o tempo e a partir das experiências que vive. É este aspecto mais individualizado que procuraremos compreender igualmente neste trabalho.

1.4 - Antonio Candido e sua personalidade singular

Ao salientar a necessidade de encararmos Antonio Candido a partir de suas interações com outras personalidades, consideramos fundamental entender a ideia de sociedade como sendo uma verdadeira “interação psíquica entre os indivíduos”,

³⁷ Ver Camila Caifos. *Os anos de aprendizagem de Antonio Candido (1930-1940). Dissertação (mestrado)* – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, 2017, p. 18.

³⁸ Ver Silvano Santiago. Prefácio. In: PEDROSA, Celia. *Antonio Candido: a palavra empenhada*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994, p.18.

como afirma Georg Simmel.³⁹ Nesse sentido, os laços de associação entre os seres humanos são incessantemente feitos e refeitos. A sociedade, ainda,

é também algo funcional, algo que os indivíduos fazem e sofrem ao mesmo tempo, e que, de acordo com esse caráter fundamental, não se deveria falar de sociedade, mas de sociação. Sociedade é, assim, somente o nome para um círculo de indivíduos que estão, de uma maneira determinada, ligados uns aos outros por efeito das relações mútuas, e que por isso podem ser caracterizados como uma unidade – da mesma maneira que se considera uma unidade um sistema de massas corporais que, em seu comportamento, se determinam plenamente por meio de suas influências recíprocas.⁴⁰

O conceito de sociação parece ser bem mais capaz de abarcar toda uma rede de relações e influências entre os indivíduos de forma mais abrangente do que somente a ideia de sociedade. Isso nos leva a crer que o ser humano precisa ser compreendido a partir da ótica de relações com outros seres humanos, e não como um ser totalmente abstrato e experienciado de forma isolada – *todo homem é uma ilha*. Aqui, percebemos mais uma vez a necessidade de se compreender Candido como um homem constituído de inúmeros diálogos com outros intelectuais, formadores de uma verdadeira *intelligentsia* brasileira, fato que procuramos demonstrar anteriormente, ao destacar brevemente como o indivíduo Antonio Candido se relacionou e ajudou na constituição de um grupo de intelectuais brasileiros, conforme nos inspirou Ringer.

Ao longo de sua obra, Simmel acrescenta que ao considerar um indivíduo e seu todo, este possui qualidades superiores àquelas que ele mesmo introduz na unidade coletiva. Essa modificação de interação se dá graças ao que ele denomina de “jogos sociais”. As características de um indivíduo que serão apresentadas e assimiladas por uma determinada comunidade não serão as mesmas daquelas apresentadas por esse mesmo indivíduo em outra comunidade ou em ambientes com grau mínimo de sociação. Por conseguinte, o autor continua e conclui não ser possível considerar a massa como uma simples soma de individualidades. Na verdade, trata-

³⁹ Ver Georg Simmel. *Questões fundamentais da sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

⁴⁰ Ver Georg Simmel. *op.cit.*, p. 18.

se de um novo fenômeno dos fragmentos de cada um que pode ou não coincidir com os dos demais.⁴¹

Nesse sentido, há uma diferença entre sociação e sociabilidade, como bem retoma o autor. Para Simmel, sociação seria a forma na qual os indivíduos em razão de seus interesses se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade no seio da qual esses interesses se realizam. Já sociabilidade ocorre como *a forma lúdica da sociação*, algo como a concretude determinada se comporta da mesma forma como a obra de arte diante da própria realidade.⁴²

No interior dessa relação entre sociedade e indivíduo, observar o indivíduo de uma forma individual e absolutamente única permite compreender a noção de personalidade singular.

Essa forma do individualismo adquire sua primeira configuração plena na obra *Wilhelm Meister*, de Goethe. Nos Anos de aprendizagem é pela primeira vez esboçado um mundo que se ergue plenamente sobre a singularidade de seus indivíduos e que se organiza e desenvolve a partir destes – isso sem considerar o fato de que os personagens são entendidos como tipos. Por mais que se repitam na realidade, persiste o sentido interior de que cada um, em seu fundamento último, é diferente do outro com o qual esbarra por força do destino; e de que a ênfase da vida e do desenvolvimento não está posta no igual, mas no que é absolutamente próprio.⁴³

Georg Simmel, ao citar a narrativa de Johann Wolfgang von Goethe, famoso escritor alemão, retoma sua obra em que é apresentado o desenvolvimento do personagem central Wilhelm Meister. Trata-se de um romance de formação, ou *Bildung*⁴⁴, já que o personagem, ao longo de suas aventuras e experiências, sofre um processo de desenvolvimento espiritual, intelectual, psicológico e político.

⁴¹ Ver Georg Simmel. op.cit., p. 50.

⁴² Uma forma de sociabilidade citada pelo autor é a prática simples e prosaica da conversa, o suporte mais difundido de toda comunidade humana. Contudo, para ocorrer de fato como uma conversa social, o conteúdo dela não necessita ser apenas atrativo, mas também não se manifestar como a finalidade da própria conversa. Ver Gerorg Simmel. op.cit., p. 80.

⁴³ Ver Georg Simmel. op.cit., p. 120.

⁴⁴ “Bildung” trata-se de um conceito da pedagogia alemã que entende a formação da alma humana a partir do ambiente cultural do indivíduo. Ver Camila Caifos, *op cit.*

Neste trabalho, o conceito de personalidade singular adquire grande importância, pois o atribuímos ao processo de compreensão da figura intelectual de Antonio Candido. Tal argumento pode ser encontrado no trabalho de Camila Caifos já citado anteriormente⁴⁵. A autora esclarece a importância de se considerar Candido como uma personalidade singular e é justamente por isso que dedicamos momentos anteriores à reconstrução de episódios relevantes vividos por ele durante os decênios de 1930 e 1940. Assim como Wilheim Meister, entendemos que Antonio Candido, durante seus anos de formação, foi desenvolvendo suas análises à luz de interações com outros intelectuais da época, como aponta Caifos. Dessa forma, é com outro olhar que partimos para a análise de sua obra, a partir do momento em que a consideramos igualmente como fruto de seus relacionamentos sociais e dos períodos históricos pelos quais trilhou seu pensamento.

Como síntese desse esclarecimento, temos o comentário de Leopoldo Waizbolt ao considerar o processo único e especial de formação de nosso autor:

Por entre todos esses momentos vive, é claro, a vida de Antonio Candido, que o sociólogo sempre vê sob prisma próprio. Se as condições familiares permitiram a Antonio Candido uma formação absolutamente privilegiada e em vários aspectos única – as disposições de criança e do jovem não encontraram obstáculos, só facilidades – e a sociabilidade universitária converteu tudo em plataforma crítica, sobre a qual se erige a obra: o próprio professor relatou como suas experiências infantis de leitura e de “antologia” estão na base mais funda e sólida de sua atividade intelectual madura, que foi encontrando e forjando lugar por entre os constrangimentos pessoais e institucionais. Tudo isso vale, por si só, um estudo à parte.⁴⁶

De fato, como foi sugerido, toda essa reconstrução das experiências infantis, juvenis e, posteriormente, universitárias vivenciadas por Candido permitiria estudo(s) à parte. Esta pesquisa, mesmo apresentando um outro enfoque, procurou apresentar aspectos que tornaram nosso autor um dos maiores intérpretes sociais que o país já teve. Agora, iniciemos a análise de algumas de suas produções.

⁴⁵ Ver Camila Caifos. *op. cit.*

⁴⁶ Ver Leopoldo Waizbolt. *A passagem do três ao um*. São Paulo: Cosac Naify, 2007, p.112.

CAPÍTULO II

ANTONIO CANDIDO: UM VIAJANTE PARA ALÉM DE SEU TEMPO

*Dá-me um barco, disse. (...) E tu para que queres um barco, pode-se saber, (...) Para ir à procura da ilha desconhecida, respondeu o homem, Que ilha desconhecida, perguntou o rei disfarçando o riso, como se estivesse na sua frente um louco varrido, dos que têm mania das navegações (...), Disparate, já não há ilhas desconhecidas, Quem foi que te disse, rei, que já não há ilhas desconhecidas, (...) A quem ouviste tu falar dela, perguntou o rei, agora mais sério, A ninguém, Nesse caso, por que teimas em dizer que ela existe, Simplesmente porque é impossível que não exista uma ilha desconhecida, (...)*⁴⁷

A narrativa de José Saramago continua presente em nossas considerações a respeito da inestimável obra deixada por Antonio Candido. Assim como o personagem da narrativa, Candido tinha “mania por navegações”. Navegações essas que percorreram caminhos tortuosos, de difícil acesso, e que estamos dispostos a traçá-los, igualmente. Nosso autor também esteve convicto de que “é impossível que não exista uma ilha desconhecida” ao considerar os dilemas da vida humana. Façamos essa viagem seguindo as indicações que Candido nos deixou.

Como salientamos anteriormente, temos o objetivo de analisar detidamente seis ensaios do autor distribuídos ao longo de sua longa carreira. Nesse instante, são três os ensaios que iniciarão nossas considerações: *A literatura e a universidade*, de 1946; *O papel do estudo sociológico da escola na sociologia educacional*, de 1955 e *Literatura e subdesenvolvimento*, de 1970. Os ensaios foram selecionados a partir de uma hipótese considerada por este trabalho: Antonio Candido, ao longo de sua trajetória como professor e intelectual, construiu um verdadeiro projeto de formação humana a partir das relações entre educação e literatura. A compreensão desse movimento complexo e dialógico, bem como sua relação com aspectos culturais da sociedade brasileira, é o foco desta pesquisa a partir de agora.

⁴⁷ Ver José Saramago. *O conto da ilha desconhecida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.15-17.

2.1 – A literatura e a universidade (1946)

O ensaio *A literatura e a universidade*⁴⁸ foi publicado na revista *Literatura e Sociedade* em decorrência da celebração dos dez anos de criação do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo (USP). Contudo, originalmente, esse mesmo texto foi publicado por Antonio Candido no jornal *Diário de São Paulo*, em duas partes, nos dias 13 e 20 de junho de 1946. Ambas as partes possuem uma extensão semelhante de mais ou menos 4 páginas. Sendo um texto elaborado para ser publicado em um jornal, sua extensão foi certamente levada em consideração pelo autor, já que havia um espaço delimitado para seu texto.

O número da revista *Literatura e Sociedade*, que apresenta a versão do ensaio aqui considerada, traz dez textos de literatura comparada escritos por diversos autores, tais como Boris Schnaiderman, Ligia Chiappini e Antonio Arnoni Prado. Ao fim da publicação, na parte denominada *Rodapé – Notas de Crítica Literária*, dentre as páginas 147 a 247, apresentam-se vários textos de crítica literária de Antonio Candido publicados ao longo da década de 1940 nos jornais *Diário de São Paulo* e *Folha da Manhã*. Grande parte desses escritos eram inéditos em formato livro. Alguns textos reunidos na publicação são os seguintes: *Sagarana* (1946), *O nosso romance antes de 1920* (I, II, III e IV), *Revistas, Artista e sociedade*, *De leitor para leitor*, *Verlaine*, além das duas partes do ensaio *Literatura e a Universidade*, central para nós neste momento.

Inicialmente, Antonio Candido abre o ensaio apresentando o que diz ser “uma das mais sérias anomalias do nosso sistema universitário”⁴⁹: a não existência do ensino de Literatura Brasileira no ensino superior. Até aquele momento, a literatura pátria não possuía distinções diante da lusitana, e somente em 1939 funcionaram pela primeira vez as cátedras superiores de literatura brasileira. Ainda sim, não apresentavam carga horária suficiente para estudos dedicados ao assunto. Logo, Candido conclui que “a literatura brasileira não é, nas nossas universidades, objeto de estudo, mas, apenas, matéria subsidiária, em nível inferior ao das outras literaturas

⁴⁸ Ver Antonio Candido. *A literatura e a universidade*. *Literatura e Sociedade*, São Paulo, ano 5, número 5, p. 235-242, dez. 2000.

⁴⁹ Ver Antonio Candido. *op.cit*, p. 235.

neo-latinas”.⁵⁰ Em outras palavras, o que havia eram apenas “aulas” de literatura brasileira, e não “ensino”, com todas as suas implicações diante da análise literária.

O que fazer diante desse cenário? Como conceder à literatura nacional um caráter essencial e importância diante de outras literaturas mundiais e no próprio âmbito acadêmico? O próprio autor nos apresenta soluções:

É preciso quebrar o gelo amontoado em torno dos professores universitários de literatura brasileira, dar-lhes campos mais vastos de trabalho para muito além das inexpressivas aulas bi-semanais possibilitadas pelos atuais programas, das quais, por maior que seja o seu talento, como ficou dito, não é possível surgir nenhuma construção intelectual de valor, como até agora não surgiu.⁵¹

É interessante notar que Candido centraliza as mudanças sobre o ponto de vista do professor, elencando modificações no próprio fazer acadêmico, conferindo-lhe maior autonomia e dinamismo em sua prática professoral. Além disso, cita que não basta somente ao professor ser capacitado; é necessário que receba também apoio e suporte dos próprios programas acadêmicos que organizam e sistematizam os conteúdos a serem ministrados.

Após expor a problemática central do texto, Candido nos explica que é possível dividir a literatura em duas correntes: a da *criação* e a da *exegese*. A primeira, é a principal e a razão de ser da própria criação literária; já a segunda prolonga a primeira, tendo a função de estudar, esclarecer e integrar a literatura no complexo da cultura. A exegese é a analisada mais profundamente no ensaio, também chamada “ciência da literatura”. É ela que permite encarar a criação literária como um problema estético e cultural a ser interpretado, iniciando os espíritos na compreensão viva do fato literário⁵². Sem a exegese, a literatura perderia alguns dos seus mais sólidos

⁵⁰ Sigo lendo Antonio Candido. *op.cit*, p. 236.

⁵¹ Ver Antonio Candido. *op.cit*, p. 236.

⁵² Nesse momento, temos Candido iniciando a explicação de seu método denominado “crítica integrativa” ou “integradora”, que será retomado em muitas obras fundamentais do autor, tais como *Introdução ao método crítico de Silvio Romero*, *Formação da literatura brasileira – momentos decisivos*, *Literatura e Sociedade*, dentre outras. A análise que temos feito deste ensaio e dos próximos tencionará aproximar-se desse método. Para aprofundamento, ver Leopoldo Waizbord. *A passagem do três ao um*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

estímulos, não se transformaria em um fator de ação cultural e perderia sua relação com a tradição.

A produção literária e a sua crítica têm ocorrido quase que no mesmo momento. Contudo, como a crítica está mais atrelada ao academicismo do que a produção literária, “isso veio ajudar o desenvolvimento dos espíritos e da cultura ou, ao contrário, pear-lhes a espontaneidade, ressecá-los?”⁵³ O que Candido questiona é se ocorre ou não a predominância da técnica ou do espírito crítico sobre o próprio fazer literário, sua liberdade e inspiração. Ao que tudo indica, o ambiente acadêmico é sim encarado como o reduto da crítica, da técnica, que se opõe justamente à liberdade criadora. Para fazer um paralelo com a própria literatura, o autor apresenta um excerto do poema *Les assis*⁵⁴, do poeta francês Arthur Rimbaud, que questiona justamente a técnica diante da produção literária.

O ambiente universitário, encarado como “cativeiro da rotina”, local do “culto do formalismo” e do “academicismo complacente” já fora capaz de gerar reflexões e críticas na Europa. Portanto, *tudo certo, porém, na Europa*. Essa famosa assertiva de Candido lembra-nos da necessidade de observar que não havia ainda uma tradição universitária no Brasil como a já existente em países europeus, e que precisamos ter lucidez em identificar a quem devem ser dirigidas as críticas diante desse mesmo ambiente acadêmico.

Seguindo, o autor elenca uma série de críticas contundentes ao ambiente acadêmico, especificamente aos professores que governariam “o reino da infalibilidade e da intolerância”, visto que estes concederiam maior importância à “preservação do equilíbrio corporativo do que ao progresso da cultura”. E continua afirmando que “é mais fácil encontrar espíritos sempre abertos à novidade entre físicos sexagenários, por exemplo, do que entre filósofos e professores de letras, apegados frequentemente à abstração e preconceitos inverificáveis”⁵⁵. Diante disso, Candido afirma que a função da universidade seria orientar, esclarecer e disciplinar aqueles denominados por ele de “espíritos médios”, que não conseguiriam tamanho

⁵³ Ver Antonio Candido. *op.cit*, p. 237.

⁵⁴ Ver Arthur Rimbaud. *Oeuvres*. Paris: Pocket, 1990.

⁵⁵ Ver Antonio Candido. *op.cit*, p. 238.

desenvolvimento sem a intervenção universitária. Já os “gênios” não teriam problemas, pois são capazes de se desenvolverem sem a presença do ambiente acadêmico. O autor finaliza a primeira parte de seu texto afirmando a aparente contradição existente naqueles “cavaleiros irremediavelmente médios” que criticam a organização e a universidade em nome de uma “originalidade e dos ímpetus criadores ameaçados”. Há aí um grande erro já que o papel da universidade diante de tais indivíduos seria justamente fortalecê-los e torná-los aptos a se desenvolverem criticamente e teoricamente. É esse conflito entre a espontaneidade e a disciplina, principalmente presente no que toca às literaturas e às artes, será tema discutido na segunda parte de seu texto, publicada originalmente também no *Diário de São Paulo* em 20 de junho de 1946.

Nessa segunda parte, o ponto de partida do autor é a seguinte questão: não estaríamos limitando a literatura ao considerá-la uma matéria ou uma disciplina universitária, avaliada e medida por meio de conceitos científicos? Candido afirma que a ciência da literatura, na verdade, é necessária pois possibilita a integração da literatura ao âmbito da cultura, acentuando a sua vitalidade. E como ela é matéria de experiência intelectual e fator de transmissão de cultura, a literatura cabe sim dentro dos esquemas de uma disciplina científica.

Além disso, é necessário pensar que a literatura “repercute a dinâmica de uma civilização”, isto é, a história de um povo pode ser observada por meio das produções literárias e artísticas presentes em dada época. Logo, o estudo crítico deixaria de ser simplesmente “um jogo erudito para confluir na própria vida, auxiliando a tarefa de revisão dos valores, dando aos homens consciência da sua evolução.” Portanto, a literatura deve ter seu espaço como disciplina universitária, como fonte de inspiração e também de disciplina mental.

Candido, contudo, deixa claro que o estudo da obra de arte é importante, mas nunca deve transpassar seu objeto de estudo, ou seja, “o maior defeito da penetração não é ficar aquém do alvo, mas ultrapassá-lo.” Mesmo sem a crítica, ainda é possível compreender uma obra. Porém, esse mesmo estudo crítico auxilia no entendimento da literatura, enriquecendo seus efeitos sobre o próprio homem. Mas seu excesso leva ao cenário em que

a erudição toma o lugar da crítica, a intuição ser suplantada pela mecânica escolástica, as dificuldades serem resolvidas por meio de fórmulas, o mistério da arte descoberto pelo pedantismo e servido em cômodas pastilhas. É a pretensão à infalibilidade impedindo o progresso do juízo.⁵⁶

Esse comportamento pode ser identificado na academia e também em outros cenários que apresentam um forte apelo ao academicismo e à apreciação formal dos problemas. Candido diz que essa realidade advém de um espírito europeu, de cultura antiquada, que já havia enfrentado fortes confrontos de movimentos que a acusavam de criar categorias, esquecendo do que existia de mais puro e essencial em uma obra.

Antes de citar propriamente o Brasil, o autor comenta rapidamente sobre o comportamento do cenário crítico em três países europeus: França, Inglaterra e Portugal. No primeiro, após os confrontos citados anteriormente, ocorreu uma divisão entre uma crítica “individualista” e a universitária, “esta se apegando talvez demasiado à erudição e perdendo o seu alcance junto ao público; aquela transformando-se cada vez mais em aventura pessoal e tendendo para o impressionismo”. Na Inglaterra, o cenário é outro, já que “vemos a erudição casar-se perfeitamente com a liberdade, a intuição com o julgamento certo”, principalmente pelo fato de que os grandes autores ingleses também atuaram como críticos literários, como T. S. Eliot, Sir Philip Sidney, Herbert Read e muitos outros. Esse fenômeno também é observável nos Estados Unidos, com autores como Edmund Wilson, Allen Tate, Kenneth Burke... Porém, em Portugal, mesmo diante do fato de termos herdado deles “o amor pela gramática das picuinhas, pela amplificação oratória e a estreiteza erudita, lá os bons espíritos se libertaram há muito destes males e sabem dar vida à ciência”, principalmente com os autores Fidelino de Figueiredo e Hernani Cidade, que conseguiram unir a erudição com a sensibilidade e o gosto apurado.

No Brasil, existem “críticos pessoais” como Sérgio Buarque, Álvaro Lins, Sérgio Milliet e outros mais recentes como Lauro Escorel e Almeida Sales. Contudo, segundo Candido, após Sílvio Romero, não houve ainda nenhuma outra obra sólida de crítica que pudesse nos ajudar na compreensão de nossa própria cultura, salvo a

⁵⁶ Ver Antonio Candido. *op.cit*, p. 240.

publicação de alguns ensaios em coletâneas de livros, como *Jornal de crítica*, de Álvaro Lins e o *Diário crítico*, de Sérgio Millet. A esperança, segundo ele, residiria na obra *História da literatura brasileira* sob a direção de Álvaro Lins, que dela brotaria “um verdadeiro rumo para os estudos de literatura brasileira, concebida ao mesmo tempo como trabalho erudito e construção da sensibilidade”⁵⁷.

Por fim, sempre por meio de uma escrita pedagógica, Antonio Candido finaliza seu texto por meio de uma conclusão que reafirma a necessidade de rever a presença do estudo da literatura na universidade, transformando-a mais do que uma simples disciplina, permitindo, assim, sua penetração na cultura brasileira. Para que esse cenário ocorra, o autor estabelece algumas possíveis ações efetivas, como a existência de um curso de literatura brasileira; a discussão do problema crítico; estudo de teorias literárias; formação do gosto; revalorização dos conceitos; combate aos preconceitos que vêm de Sílvio Romero e antes dele; preparo de teses e ainda bolsas de estudo. Assim, esse vasto programa “faria da literatura nacional, como é seu direito, o núcleo central das seções de Letras das atuais Faculdades de Filosofia, e não uma das muitas “matérias” perdidas num canto do currículo”.⁵⁸

Seguindo a “mania de navegações” de Antonio Candido por meio da análise de sua obra, iniciaremos agora um olhar mais detido em relação ao segundo ensaio aqui considerado, *O papel do estudo sociológico da escola na sociologia educacional*, de 1955.

2.2 - O papel do estudo sociológico da escola na sociologia educacional (1955)

O ensaio que leremos agora foi publicado inicialmente nos Anais do I Congresso Brasileiro de Sociologia, ocorrido em São Paulo, em junho de 1954. Esse texto pertence a um conjunto de produções estritamente sociológicas de Antonio Candido, publicadas entre os anos de 1947 e 1959. Como exemplos, temos os ensaios *Euclides da Cunha, sociólogo*, de 1952, *A estrutura da escola: contribuição*

⁵⁷ Sigo lendo Antonio Candido. *op.cit*, p. 241.

⁵⁸ Ver Antonio Candido, *op.cit*, p. 242.

sociológica aos cursos especializados de administração escolar, de 1953, e *A sociologia no Brasil*, de 1959. O ensaio que nos propomos a analisar apresenta 13 páginas e é organizado em 5 partes, sendo elas as seguintes: *Três aspectos da sociologia tradicional*, *Consequências do exposto*, *A análise da escola*, *O estudo da escola como grupo social*, e *Sugestões finais*.

Logo no início, Candido localiza três linhas principais dos estudos sociológicos desenvolvidos até então, e denomina-os como: filosófico-sociológica, pedagógico-sociológica e propriamente sociológica. A primeira seria sobretudo uma reflexão acerca do caráter social do processo educativo, analisando seu significado como sistema de valores sociais e suas relações com as concepções e teorias do homem. A linha filosófico-sociológica, portanto, seria o ponto de partida da sociologia educacional na obra de educadores e sociólogos, como Émile Durkheim e John Dewey, que se preocuparam em fundamentar do ângulo social uma teoria geral da educação. Assim, percebe-se que essa linha propõe uma análise sobre os aspectos mais gerais da educação que, segundo Candido,

não favoreceu o aparecimento de uma sociologia especial dos fatos educacionais, pois na medida em que se atem ao esquema geral do relacionamento entre sociedade e educação, conduz a um ponto de vista, a uma concepção nova, que mais facilmente se traduz em pedagogia ou filosofia do que em sociologia.⁵⁹

A partir dessa consideração, nosso autor retoma que, para Georges Gurvitch, sociólogo francês, a sociologia da educação tornou-se um ramo da sociologia do espírito, fato que é inaceitável para Candido, pois isso a tornaria menos concreta e totalmente orientada para correlações entre um certo tipo de fato e o seu condicionamento social. Portanto, tal linha tem sua importância, mas não esgota a temática específica da sociologia da educação, mas, antes, a aproximaria de uma filosofia sociológica dos fatos educacionais.

A segunda linha apontada por Candido, pedagógico-sociológica, tem seu início nos Estados Unidos, que procurou desenvolver o estudo dos aspectos sociais da educação a fim de obter um bom funcionamento das escolas. Tendo um caráter

⁵⁹ Ver Antonio Candido. *O papel do estudo sociológico da escola na sociologia educacional*. Anais.. São Paulo: s.n., 1955, p. 107.

inicialmente pedagógico, tal linha é interessante na medida em que analisa as relações entre a escola e o meio social com quem mantém direto contato, tomando como ponto de partida princípios outrora formulados pela primeira linha, indicada anteriormente. É importante ressaltar que tal estudo tem sua importância destacada ainda mais quando Candido retoma como as escolas americanas são constantemente marcadas por disputas entre grupos interessados - famílias, congregações religiosas, associações instituidoras. Dessa forma, a sociologia tem sido invocada nesse ambiente como componente da pedagogia e da administração escolar. Para o autor, há justamente nesse ponto a debilidade dessa linha, já que apresentaria restrições teóricas e ausência de pesquisas realmente científicas, justificando, assim, o porquê da sociologia educacional americana ser organizada em um conjunto de manuais e compêndios redundantes e muitas vezes aquém do próprio estudo sociológico. A linha pedagógico-sociológica é cultivada pelos educadores como ramo da ciência da educação. Aqui temos a explicação para o verdadeiro divórcio que ocorre nesse terreno entre educadores e sociólogos, pois estes não possuiriam interesse pelo desenvolvimento de uma disciplina intermediária e nem pelo desenvolvimento de sua fundamentação sistemática. Portanto, tal linha, trabalhada por educadores, acabaria fragmentada e fadada à generalização, ocasionando, assim, sua posição intermediária, marginal.

A terceira linha denominada propriamente de sociológica, por sua vez, nasce a partir de sociólogos e educadores de orientação social mais bem definida, que encaram na sociologia educacional um ramo da sociologia, e não da ciência da educação. Estaria aqui, portanto, o caráter decisivo dessa linha, pois ela se beneficiaria das outras duas, já que herdou a tendência filosófica e a tendência prática, ou seja, a função social da educação e também da solução dos problemas educacionais. Porém, para Candido, ela iria além pois “afastou a especulação de uma e o imediatismo da outra, procurando definir um sistema coerente de teorias elaboradas segundo as exigências do espírito sociológico”.⁶⁰ Portanto, a linha sociológica, ao mesmo tempo, proporia um aprofundamento sociológico das duas linhas anteriores e uma análise das situações pedagógicas.

⁶⁰ Ver Antonio Candido. *op cit*, p. 120.

A princípio, desenvolve-se o estudo dos aspectos sociais do processo educacional, ocorre a sistematização das conexões entre escola e meio social, obedecendo sua posição ao se levar em consideração sua posição na estrutura da sociedade, e também, se define qual a contribuição da sociologia diante dos problemas fundamentalmente educacionais. Candido aponta Fernando de Azevedo, Joseph Slabey Roucek e Francis J. Brown como pioneiros nesses aspectos. Por outro lado, há também uma preocupação com a análise das situações pedagógicas, os grupos de ensino, seus papéis definidos em função do próprio ensino e a sociabilidade específica decorrente do processo pedagógico.

Logo, para o autor, a terceira linha aqui descrita mostra-se claramente como uma nítida superação das duas anteriores, ao mesmo tempo em que considera a “herança” recebida por elas. Essa linha proporia, assim, a análise dos valores e da função social atrelada à prática, ou seja, manteria um caráter científico, aproximando-se da sociologia aplicada e não de uma teoria educacional. Dessa forma, é Wilbur Brookover que, ao observar a necessidade de se superar a “sociologia educacional”, propõe o nome “sociologia da educação”, para justamente registrar os novos rumos sugeridos nesse momento.

Na segunda parte de seu texto, *Consequências do exposto*, Candido afirma categoricamente que a sociologia da educação pouco existe como teoria e praticamente não existe como pesquisa. Na parte teórica, apesar de estudos de Willard Walter Waller, Irving Fisher, e do próprio Fernando de Azevedo, há poucos esforços e “a argumentação vai escorregando francamente para a Filosofia ou a Teoria da Educação.”⁶¹ As pesquisas, por sua vez, seriam poucas e de qualidade duvidosa, escapando igualmente da sociologia em direção às sondagens e levantamentos administrativos, assim como às investigações psicológicas. Dessa forma, a sociologia da educação tem sido vista como matéria de ensino, mas deve-se abordá-la a partir do ângulo do ensino e da pesquisa. Especificamente, no caso brasileiro, a sociologia da educação existe como elemento de uma formação técnica, ou seja, são encarados de forma central aspectos que contribuem para esclarecer o processo educacional e auxiliar a prática pedagógica. Ocorre, assim, uma verdadeira regressão para os aspectos filosóficos e pedagógicos. Portanto, a sociologia da

⁶¹ Sigo lendo Antonio Canadido. *op cit*, p.121.

educação aparece para o jovem diplomado como contribuição a um certo modo de se encarar a educação, diminuindo-se, assim, seu caráter prático e pedagógico. Para deixar claro seu ponto de vista, Candido afirma que para dar ao estudante uma base consistente de ensino,

é necessário especificar a análise das situações de ensino como fundamento da sociologia da educação (...). Por situações de ensino entendo o sistema de relações, de papéis, de valores, determinados no ensino e pelo ensino, manifestando-se principalmente na escola, concebida não apenas como agência de instrução, mas como grupo social complexo, num dado contexto social.⁶²

Assim, fica clara a preocupação do autor de aproximar a prática à teoria, definindo o rigor analítico para se definir critérios de estudo da estrutura interna da escola e de sua posição na sociedade. Dessa forma, a pesquisa teria uma base sólida, e benefícios seriam trazidos à formação do próprio educador, pois não lhe seria apresentado somente um ponto de vista sociológico, mas sim, um conhecimento da realidade em que se leva em consideração seu papel social, tornando-o capaz de mobilizar instrumentos de análise da escola, conceitos gerais que não o levarão somente a um ponto de vista filosófico ou psicológico.

Seguindo o texto, na terceira parte intitulada *A Análise da Escola*, Antonio Candido retoma a preocupação central de se elaborar sólidos instrumentos de análise da vida e do ambiente escolar, de forma que ocorra um reparo no estudo e na pesquisa de sociologia da educação. Para tanto, ele insiste na análise do aspecto, segundo ele, menos estudado pelo sociólogo: a estrutura interna da escola.

O ambiente escolar caracteriza-se por ser muito particular, diferenciado, possuindo uma dinâmica própria, cujas leis escapam muitas vezes da lógica prevista na sociedade da qual faz parte. “Ela é uma unidade social, determinando tipos específicos de comportamento, definindo posições e papéis, propiciando formas de associação.”⁶³

⁶² Ver Antonio Candido. *op cit*, p. 122.

⁶³ Ver Antonio Candido. *op cit*, p. 123.

Contudo, o que ocorre em seu interior não é somente fruto da lógica interna que desenvolve. Os elementos que integram a vida escolar também levam em consideração elementos de fora. A junção de elementos internos e externos tornam cada escola única, com atividades criadoras próprias capazes de diferenciação. Essa situação específica ocorre graças às tensões geracionais que ocorrem incessantemente no processo educacional.

Fica evidente as diferentes gerações presentes no ambiente escolar quando consideramos a definição de Émile Durkheim, em *Éducation et Sociologie*. Para Candido, essa obra ajudou a estabelecer bases de um critério seguro para se analisar sociologicamente o processo educacional, ao mesmo tempo em que dificultou o entendimento de realidades particulares:

Ação exercida pelas gerações adultas sobre as que ainda não estão maduras para a vida social, (tendo) por objeto suscitar e desenvolver na criança um certo número de estados físicos, intelectuais e morais dela exigidos pela sociedade política no seu conjunto e o meio especial a que se destina particularmente.⁶⁴

A partir dessa definição, a educação é entendida como sendo um processo unilateral, a partir da integração do imaturo, da criança, pelo adulto, que é o verdadeiro detentor do conhecimento da lógica social. Ocorre a formação do *ser social* por meio do *ser individual*, definições de Durkheim retomadas por Candido. Pensar a educação dessa forma é considerar a ilusão de que o ensinamento baseia-se somente na transmissão de conhecimentos, algo que flui do professor para o aluno. Na verdade, ao se observar a estrutura da escola, e encarar suas particularidades, é possível perceber que a criança, ou o imaturo, questiona diversas vezes a posição de superioridade do professor, e desse choque geracional é que se dá o ajustamento da criança diante da lógica social, dando ideia de que ela é chamada a exercer determinados comportamentos e papéis.

Portanto, sendo a escola um ambiente com dinâmicas próprias, ela requer uma análise adequada, que só pode ser fornecida por uma sociologia que se preocupe com sua lógica interna, a partir do uso de conceitos e técnicas adequadas. Se feita de

⁶⁴ Sigo lendo Antonio Candido. *op cit*, p. 124 – parêntese do autor.

outro modo, teremos mais do mesmo: análises globais, sem profundidade, desconectadas com o ambiente em si, caindo no risco de associar tais pesquisas à filosofia ou à pedagogia simplesmente. Compreendemos que seja essa a proposição central de Candido no ensaio aqui analisado. O autor, por conseguinte, vai além e apresenta sugestões e novos rumos para a sociologia escolar na penúltima parte de seu texto intitulada *O estudo da escola como grupo social*.

Encarar a escola como grupo social foi possível graças às especificações de conceitos que permitiram analisar as particularidades desse ambiente específico. Candido, novamente, enfatiza os avanços da sociologia da educação, principalmente com os estudos de Irving Fisher em *Vocabulário Sociológico*, e os trabalhos de Willard Walter Waller.

Fisher, sob influência nítida de Georg Simmel, ressaltou a relação entre professor e aluno indo além dos aspectos pedagógicos. Tal relação apresenta um aspecto nitidamente social e que determina uma situação interativa que se desenvolve justamente por conta desses respectivos papéis sociais. Tanto o professor quanto o aluno, assumindo papéis sociais diferentes, participam de formas também diferentes da vida social. O aluno teria, ainda, uma sociabilidade própria, já que desenvolve relações de organização entre seus companheiros a partir de lógicas extremamente particulares.

Em Waller, sua principal contribuição foi a análise da posição social do professor, que possibilitou novas análises das relações entre a escola e comunidade. Também a ele se deve o estudo da “cultura própria da escola”, cooperando para a compreensão das particularidades de cada ambiente educacional, levando-se em consideração os comportamentos, valores e sistemas simbólicos trabalhados em cada escola. Os estudos desse autor foram importantes também, principalmente na sociologia americana, para a formulação da noção de vida social própria à escola. Contudo, tais considerações não se desenvolveram, não avançaram, sendo esse autor bastante repetido por estudos posteriores.

Candido, rapidamente, faz um panorama sobre o assunto em outros países. Na Alemanha, por exemplo, afirma que há a “Sociologia Pedagógica”, que estuda a autoridade e as suas consequências sobre a formação de agrupamentos, principalmente os escolares. Já nos Estados Unidos, Inglaterra e, de novo, na

Alemanha, mais recentemente, há um maior interesse sobre estudos teóricos e análises sobre pequenos grupos. Dimensões como o da indústria (fábrica) e o da educação (escola) apresentam destaque, considerados como saídas para se realizar uma sociologia verdadeiramente científica, mesmo que, por ventura, se aproxime da psicologia. Aqui é onde está a contribuição dessa prática para o autor: desenvolver uma análise sociológica, recorrendo, quando necessário, à psicologia, mas não deixando de ser centralmente sociologia. Tal visão seria necessária pois possibilita uma “visão mais ampla da escola na sociedade, evitando o que há de porventura estreito na teoria e na técnica dos pequenos grupos.”⁶⁵ E, por fim, o autor retoma que pensar a escola não é somente estudar a sala de aula; é preciso ir além, pensar os outros espaços que a formam, procurando desenvolver todos os agrupamentos não perceptíveis em um primeiro olhar mas que são fundamentais para a construção de toda a dinâmica relacional da criança.

E na última parte do ensaio intitulada *Sugestões finais*, Candido conclui seu texto afirmando que não é conveniente reduzir a sociologia educacional a uma sociologia da escola. Porém, é necessário pensá-la como um eixo da primeira, “ao colocar o estudo da escola entre o estudo da educação como socialização, que o precede, e da sua função social, que o sucede.”⁶⁶ Dessa forma, seria possível definir com mais propriedade os agrupamentos, papéis, relações, todos esses ligados à educação. Assim, é possível realizar uma análise sociológica da escola inteiramente sobre o terreno sociológico. E por que é importante tal análise? O próprio autor confirma que

O conhecimento sociológico da escola habilita o educador a compreender a sua função e, sobretudo, a orientar convenientemente os problemas pedagógicos (...) Podemos dizer que uma visão incompleta do problema dá lugar a duas atitudes pedagógicas extremas. Ou a integração do imaturo nos valores sociais é considerada como um processo unilateral, e então temos as formas tradicionais da pedagogia da coerção; ou é atribuída à sua sociabilidade um poder de organização autônoma que não deve encontrar pela frente coerção alguma.⁶⁷

⁶⁵ Ver Antonio Candido. *op cit*, p. 127.

⁶⁶ Ver Antonio Candido. *op cit*, p. 128.

⁶⁷ Ver Antonio Candido. *op cit*, p.129-130.

Ambos os caminhos são delimitadores e a tensão não é abolida pela escolha de um em detrimento do outro. As duas atitudes correspondem à escola como um sistema social que depende da ação delas. Portanto, cada educador é chamado a interpretar e analisar seu ambiente escolar e traçar métodos de promoção do chamado ajustamento social, sem o qual a eficiência pedagógica pode se tornar fundamentalmente frágil.

Por fim, Candido aponta a grande importância de reconsiderar o estudo da escola na sociologia educacional principalmente como a base da atividade do educador. Além disso, também é relevante a redefinição da própria pesquisa sociológica, que precisa voltar ao ambiente concreto, único capaz de permitir a migração da teoria, dos manuais para a verdadeira investigação da realidade.

Encerramos a observação do segundo ensaio do autor que nos propomos. Agora, partiremos para o terceiro e último ensaio desse capítulo: *Literatura e subdesenvolvimento*, de 1970, um dos mais conhecidos e estudados do autor. Procuraremos compreender o porquê dessa relevância agora.

2.3 - *Literatura e subdesenvolvimento* (1970)

O ensaio estudado a partir de agora foi publicado, inicialmente, em tradução francesa na revista *Cahiers d'Histoire Mondiale*, em 1970, e, em seguida, em espanhol na obra coletiva *América Latina en su Literatura*, em 1972. A versão que consideraremos aqui é a publicada na obra *A educação pela noite e outros ensaios*, de 1989, que se estende ao longo de 12 páginas⁶⁸. Ao introduzir a obra e comentar sua terceira parte⁶⁹, na qual consta o ensaio aqui citado, Candido diz que

A terceira parte contém amostras do que se poderia chamar "crítica esquemática", panoramas abrangendo segmentos amplos da atividade literária e cultural vista a vôo de pássaro. "Literatura e

⁶⁸ Ver Antonio Candido. *Literatura e subdesenvolvimento*. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989, p. 140-162.

⁶⁹ Importante antecipar que o ensaio *A revolução de 30 e a cultura*, que será analisado nesta pesquisa, no capítulo seguinte, consta nessa mesma terceira parte da obra *Educação pela noite e outros ensaios*.

subdesenvolvimento" expõe a correlação entre atraso cultural e produção literária na América Latina.

Se, no primeiro ensaio, Antonio Candido se dedicou a analisar a formação da disciplina de Literatura Brasileira no ambiente acadêmico e, no segundo ensaio, a relação mais detida das contribuições da Sociologia da Educação para o desenvolvimento do ensino regular, agora, nosso autor estabelece uma visão atenta sobre ambiente externo, no país como um todo, e procura estabelecer uma análise que tente explicar qual a relação entre as condições econômicas e a cultura, mais profundamente, a própria literatura. Segundo Roberto Schwarz, esse estudo pertence a um conjunto de ensaios decisivos em que nosso autor

dava o empurrão inicial a um processo de verificação crítica em que o Brasil, através de seu espelhamento literário na 'insuficiência' – com relação a nós – das ideias e das formas dominantes, que era preciso conhecer, toma consciência da peculiaridade de sua figura e de seus problemas.⁷⁰

Candido inicia uma análise a partir das considerações de Mário Vieira de Mello, diplomata e pensador brasileiro, a respeito das relações entre subdesenvolvimento e cultura. Segundo ele, até 1930, ocorria na América Latina, e especialmente no Brasil, a visão de que as terras aqui presentes apresentavam uma grandeza ainda não realizada. Seríamos uma "nação nova" que, a qualquer momento, iniciaria seu crescimento social e econômico, semelhando-se ao padrão europeu. Contudo, após o decênio de 1930, a perspectiva se transforma. A visão se tornou pessimista – seríamos um país subdesenvolvido, um país de ausências, e não de grandezas irrealizadas⁷¹.

A partir dessas considerações, Candido observa que a ideia de um país vindouro, cheio de potenciais, foi intensificada também a partir da própria literatura nacional. Inicialmente, a carta de Pero Vaz de Caminha, repleta de sonhos, até a ocorrência do período romântico, que celebrava, a partir de hipérboles, o exotismo

⁷⁰ Ver Roberto Schwarz. Antonio Candido. In: *Antonio Candido 100 anos*. São Paulo: Editora 34, 2018, p. 76.

⁷¹ Ver Antonio Candido. op cit, p. 140.

nacional como um verdadeiro “estado de alma”. A própria noção de pátria, segundo o autor, esteve atrelada à representação da terra, como se a grandeza da primeira fosse um desdobramento natural da fertilidade da segunda, como também era apresentado em inúmeros poemas da época.

Contudo, com o advento do decênio de 1930, o fim da Segunda Guerra Mundial, e o início dos anos de 1950, a perspectiva se transforma, e a consciência de nosso atraso se instala. Diante dessa consciência, o autor indica que esse momento deve trazer um desejo de transformações políticas e econômicas, profundas reformulações, usando a ideia de subdesenvolvimento como “uma força propulsora que dá novo cunho ao tradicional empenho político dos nossos intelectuais.”⁷² Em seguida, após apresentar essas ideias em sua introdução, Candido nos apresenta o que pretende explorar em seu ensaio, como as

características literárias na fase de consciência amena de atraso, correspondente à ideologia de “país novo”; e na fase da consciência catastrófica de atraso, correspondente à noção de “país subdesenvolvido”. Isto, porque ambas se entrosam intimamente e é no passado imediato e remoto que percebemos as linhas do presente. Quanto ao método, seria possível estudar as condições da difusão ou as da produção das obras. Sem esquecer o primeiro enfoque, preferi destacar o segundo, que, embora nos afaste do rigor das estatísticas, nos aproxima, em compensação, dos interesses específicos da crítica literária.⁷³

A partir da consciência do atraso nacional, é possível identificar os problemas que a própria literatura enfrenta em um país desigual como o Brasil, ainda mais quando pensamos em suas condições de produção: o analfabetismo, a debilidade cultural, a impossibilidade de especialização de intelectuais, falta de meios de comunicação e de difusão, como editoras, revistas, bibliotecas, o pequeno número de leitores reais. Ao somarmos essas questões às outras de ordem econômica e política, as dificuldades se intensificam ainda mais. Portanto, ao que parece, a literatura é um bem de consumo extremamente restrito, ainda mais quando

⁷² Ver Antonio Candido. op cit, p. 141.

⁷³ Sigo lendo Antonio Candido. op cit, p. 142.

consideramos que o consumo cultural em uma sociedade urbana se baseia por meio de recursos de massa, segundo Candido, mais empobrecidos do que a arte e a literatura (que são o rádio e a televisão, sobretudo).

E é nesse ponto em que o perigo se instala diante da literatura: em sociedades onde há a intensificação de meios de comunicação formadores de uma cultura de massa, abre-se uma possibilidade de uma “intervenção” internacional, em que teríamos orientações que moldariam a opinião e a sensibilidade dessas populações diante de interesses políticos estrangeiros. Todo esse processo pode ter, em seu estágio mais intenso, a própria literatura sendo confundida com outras produções de massa, já que a escala e a influência seriam absurdas. Logo, para Candido, como vivemos em um “continente sob intervenção”, “cabe à literatura latino-americana uma vigilância extrema, a fim de não ser arrastada pelos instrumentos e valores da cultura de massa”⁷⁴.

Nesse processo de atenção – e, por que não, de luta – diante da imposição da cultura de massa, a educação adquire um papel fundamental. Mas não como até o decênio de 1930, como Candido apontou, que a partir de uma consciência amena do atraso, partilhávamos da ideologia ilustrada, segundo a qual a educação traria com ela todos os benefícios que permitem a humanização do homem e o progresso da sociedade. Não é essa concepção idealizada, reducionista e simplória de educação que nosso autor preconiza. Ao que parece, até esse momento, é uma visão libertadora da educação à qual Candido se refere, capaz de dar consciência para enxergar a debilidade cultural em que estamos mergulhados e, principalmente, a dependência cultural que sofremos.

Dependência cultural essa que nos levou à penúria cultural, baseada sobre a justificativa de que não haveria no país público suficiente literário⁷⁵ – seria preciso então que nossos escritos fossem direcionados ao público estrangeiro, europeu. Movimentos literários como o Parnasianismo e o Simbolismo são exemplos

⁷⁴ Ver Antonio Candido. op cit, p. 144.

⁷⁵ Como mostraremos adiante, há trabalhos que dialogam e questionam a assertiva de Antonio Candido a partir de novas pesquisas sobre as práticas de leitura no país, no século XIX, e que merecem ser destacados aqui: um livro, intitulado *Leitores de Tinta e Papel* (2017), de Alexandro Paixão, reformula a questão da formação de públicos literários no Brasil, enquanto outro, um capítulo de livro intitulado “Sobre a ‘penúria cultural’ e outros elementos constitutivos da cultura literária transatlântica no Brasil oitocentista” (2018), do mesmo autor, rediscute a questão do atraso nacional proposto por Candido.

dessa prática que consideravam a Europa como público ideal, levando inúmeros escritores a se voltarem para os padrões estéticos e temáticos metropolitanos, mitigando nossas próprias capacidades de desenvolver uma literatura essencialmente brasileira. O uso intenso de línguas estrangeiras na redação de obras nacionais é mais um exemplo desse “aristocracismo alienador” apontado por Antonio Candido.

Até esse estágio, o autor elenca uma série de problemáticas advindas da situação em que o Brasil se encontrava naquele momento, como a dependência cultural que leva à debilidade cultural, intensificada por um crescimento da cultura de massas. Contudo, um olhar mais atento à literatura está por vir.

Ao falar sobre a influência de vários tipos que a literatura nacional absorve, Candido afirma que “as nossas literaturas latino-americanas, como também as da América do Norte, são basicamente galhos das metropolitanas”, fato considerado como uma influência inevitável e sociologicamente relacionada à dependência. Ele continua a partir de afirmações profundas:

Encaremos portanto serenamente o nosso vínculo placentário com as literaturas européias, pois ele não é uma opção, mas um fato quase natural. Jamais criamos quadros originais de expressão, nem técnicas expressivas básicas, no sentido em que o são o Romantismo, no plano das tendências; o romance psicológico, no plano dos gêneros; o estilo indireto livre, no da escrita. E embora tenhamos conseguido resultados originais no plano da realização expressiva, reconhecemos implicitamente a dependência. Tanto assim que nunca se viu os diversos nativismos contestarem o uso das formas importadas, pois seria o mesmo que se oporem ao uso dos idiomas europeus que falamos. O que requeriam era a escolha de temas novos, de sentimentos diferentes. Levado ao extremo, o nativismo (que neste grau é sempre ridículo, embora sociologicamente compreensível) teria implicado em rejeitar o soneto, o conto realista, o verso livre associativo.⁷⁶

A partir dessa lógica que, inicialmente, parece não apresentar uma saída possível, Candido informa que, para a superação dessa influência externa e dependência cultural, seria preciso aumentar nossa capacidade de produzir obras de primeira ordem, não influenciadas inicialmente por outras estrangeiras, mas por

⁷⁶ Sigo lendo Antonio Candido. *op cit*, p. 150-151.

exemplos nacionais. Teríamos, portanto, o que o autor indica como “causalidade interna”, fator que demonstraria o desenvolvimento de nossa própria literatura, como se nos tornássemos autossuficientes nessa “produção”. Contudo, nem mesmo a obra de Machado de Assis, escritor brasileiro de grande prestígio, conseguiu romper com a lógica de dominação cultural, já que “perdeu-se na areia de uma língua desconhecida, num país então completamente sem importância”⁷⁷.

Jorge Luís Borges é apontado como o primeiro caso de incontestável influência original, já que sua obra quebra com o fluxo contínuo unidirecional Europa-América. Ao ser lido e estudado intensamente fora de seu continente, e tendo escrito em uma língua de maior impacto, Borges inverte o movimento de imposição, levando ao estágio que seria uma realidade mais vindoura – a interdependência cultural ou de assimilação recíproca. Candido também não deixa de apontar bons exemplos brasileiros de casos de superação dessa influência. Autores da Segunda Geração Modernista, como Carlos Drummond de Andrade e Murilo Mendes, foram autores que se basearam em outros da Primeira Geração, e não reproduziram simplesmente métodos e temáticas europeias.

A partir desse momento até a finalização de seu texto, Candido procura desenvolver a ideia central aqui apresentada de interdependência cultural. Essa nova lógica permite compreender a dependência cultural por novo ângulo. A partir do empréstimo cultural que realizamos por conta de nosso atraso, o romancista do país subdesenvolvido deve ser capaz de ajustar sua realidade diante da forma literária, construindo uma obra original, sem repetições ou cópias exteriores. Dessa forma, a dependência se torna interdependência. O subdesenvolvimento, então, afirma-se como uma verdadeira força estimulante à literatura, permitindo o surgimento de obras originais. É como se o atraso cedesse seu lugar à descoberta – Brasil conhecendo o próprio Brasil. Será esse o conhecimento que, segundo Candido, permitirá a incorporação brasileira ao cenário da literatura mundial.

Ao se aproximar do final de seu ensaio, Candido relembra a contribuição relevante que o Regionalismo trouxe à literatura brasileira ao focar na realidade local. Foi a partir, novamente, do decênio de 1930, com o advento da Segunda Fase Regionalista, que o regionalismo social se estabeleceu na produção de obras,

⁷⁷ Antonio Candido. op cit, p. 152.

segundo ele, mais significativas. Contudo, a mais intensa mudança vem após, com a Terceira Fase, chamada de superregionalista, que

corresponde à consciência dilacerada do subdesenvolvimento e opera uma explosão do tipo de naturalismo que se baseia na referência a uma visão empírica do mundo; naturalismo que foi a tendência estética peculiar a uma época onde triunfava a mentalidade burguesa e correspondia à consolidação das nossas literaturas. Deste superregionalismo é tributária, no Brasil, a obra revolucionária de Guimarães Rosa, solidamente plantada no que poderia chamar de a universalidade da região.⁷⁸

Novamente, a originalidade das obras brasileiras está justamente na percepção do Brasil real e não em uma adaptação de uma realidade europeia distante de nós. É essa a conclusão que o autor chega nesse terceiro ensaio analisado nesta pesquisa. Ao finalizar, Antonio Candido, ao citar autores atuantes naquele momento, reafirma sua visão positiva de que estávamos diante de um novo cenário literário, que apenas será de fato concebido se compreendermos o verdadeiro efeito da consciência da dependência cultural – ela é a chave para a criação de obras verdadeiramente originais.

2. 4. Comentários sobre os ensaios

Após a leitura atenta que realizamos dos três ensaios do autor, é possível identificar neles aproximações, como também a tentativa de se desenvolver um movimento entre educação e literatura. Mesmo sendo escritos em momentos diferentes, possuem o desenvolvimento do pensamento de Antonio Candido sobre essas questões, assim como um amadurecimento de suas próprias avaliações. Quais seriam os elos que os aproximam?

Os ensaios *A literatura e a universidade*, de 1946; *O papel do estudo sociológico da escola na sociologia educacional*, de 1955, e *Literatura e subdesenvolvimento*, de 1970, a partir da hipótese considerada nesta pesquisa,

⁷⁸ Ver Antonio Candido. *op cit*, p. 161.

apresentam-nos as temáticas da educação e da literatura vistas à luz de um projeto de formação cunhado por Antonio Candido.

Em seu ensaio de 1946, o autor, durante sua transição entre a Sociologia para a Teoria Literária, preocupou-se em defender a relevância da disciplina de Literatura nas cátedras universitárias, a partir do instante que nos apresentou o embate existente entre a Sociologia e a Literatura pela primazia do conhecimento da realidade social. Segundo ele, a Sociologia, por ter se desenvolvido e se aproximado tanto do cientificismo acadêmico, perdeu a sensibilidade da observação atenta da realidade. Portanto, caberia à Teoria Literária a primazia da observação e da interpretação da realidade que estaria retratada na própria obra literária⁷⁹. Seu ensaio foi escrito justamente quando o autor sedimentava uma nova área de estudo que necessitava colocar em xeque métodos sociológicos que ele mesmo, outrora, havia se baseado.

Ao propor essa mudança entre sua formação sociológica para o estudo da literatura, nosso autor,

Encara um primeiro desafio: relacionar discursos tidos como díspares, superar o positivismo econômico, retirar a literatura do isolamento a que era relegada por uma reflexão ou puramente esteticista ou psychologizante. Considerada então como atividade simultaneamente individual e social, gratuita e engajada, a literatura passa a exigir o convívio e o confronto de diferentes saberes.⁸⁰

Nesse processo, Candido desenvolve seu método chamado de “crítica integrativa” ou “integradora”. Trata-se de um novo ponto de vista que fundiria as duas formas de ver o texto literário, a sociológica e a estética. Ao longo de sua obra, Candido tenta se valer desse método. Não se pode falar apenas em verdade ou verossimilhança de uma literatura, mas de uma lógica, coerência que o autor obedece

⁷⁹ Ver Alexandro Paixão. *Antonio Candido: desafios e limites da crítica*. 18º Congresso Brasileiro de Sociologia, 2017. Disponível em: <http://www.adaltech.com.br/anais/sociologia2017/resumos/PDF-eposter-trab-aceito-0579-1.pdf>. Acesso em: 08 nov. 2020.

⁸⁰ Ver Celia Pedrosa. *Antonio Candido: a palavra empenhada*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994, p.27.

ao fazer literatura, tornando a obra mais próxima da realidade – mesmo ainda não sendo idêntica a ela, como veremos adiante. Sua preocupação, então, não é

a relação da literatura com a sociedade, ou o modo como a sociedade aparece na obra; o que interessa de fato é a transformação da sociedade em texto, isto é, o externo torna-se interno, e a realidade original foi transformada numa outra realidade, reduzida estruturalmente no texto.⁸¹

Para se conseguir essa reestruturação a partir da realidade do texto⁸², Candido vê a literatura como uma forma de transmissão de conteúdos, de mensagens, como também uma forma específica de se valer da língua, do código, da anatomia do texto. Logo, “o texto é uma realidade indissolúvel de código e mensagem”⁸³, sendo a mensagem eficiente somente quanto o código também o for.

Para compreendermos esse processo de um modo mais claro, Roberto Schwarz, ao comentar o ensaio “Dialética da Malandragem” de Candido, afirma que a literatura é capaz de produzir uma redução estrutural da sociedade, resultando em uma formalização estética⁸⁴. Dessa forma, o dado ficcional não viria diretamente do dado real, mas sim de uma realidade que estaria oculta e que pressupõe o real.

Trata-se, noutras palavras, de chegar a uma estrutura de estruturas, ou melhor, a uma estrutura composta de duas outras: a forma da obra, articulada ao processo social, que tem de estar construído de modo a viabilizar e tornar inteligível a coerência e a força organizadora da primeira, a qual é o ponto de partida da reflexão. Quanto ao método, note-se que no vaivém entre ficção e realidade a prioridade da forma literária é absoluta. (...) Conteúdos de romance não são conteúdos reais, e vê-los esteticamente é vê-los no contexto da forma, a qual por

⁸¹ Ver Alexandro Paixão. *op.cit*, p. 11.

⁸² De uma forma mais aprofundada, Candido explica que há dois níveis para o estudo da obra literária: um momento analítico (obra como objeto de conhecimento) e um momento crítico (síntese e projeção da experiência humana). Além disso, considera fundamental considerar sua relação com o contexto de produção, sua interação constante entre autor, obra e público. Ver Celso Lafer. Antonio Candido. In: *Esboço de figura – homenagem a Antonio Candido*. São Paulo: Duas Cidades, 1979, p. 75.

⁸³ Ver Norma Goldstein. Antonio Candido e a literatura na escola. In: AGUIAR, Flávio (Org.) *Antonio Candido – Pensamento e militância*. São Paulo, Humanitas/Fundação Perseu Abramo, 1999, p. 298.

⁸⁴ Ao tratarmos sobre a importância da literatura na sociedade, durante o terceiro capítulo desta pesquisa, aprofundaremos sobre a visão apresentada por Antonio Candido sobre a relação entre a linguagem e o dado real.

sua vez retoma (elabora ou decalca) uma forma social, que se compreende em termos do movimento da sociedade global.⁸⁵

Dessa forma, é possível compreender a valorização que Candido confere à literatura, de forma a incentivar a intensificação de seu estudo na universidade. Além disso, há a reafirmação do ambiente universitário como um local relevante para a formação cultural do país. Portanto, o ensaio aqui considerado está intimamente relacionado ao período em que foi escrito, na década de 1940, justamente no momento em que há a fundação de centros educacionais de ensino superior, como a própria Universidade de São Paulo.

Para compreendermos a relevância da universidade na sociedade e, então, a preocupação de Candido em torná-la também um local do estudo da literatura, Marilena Chaui afirma que

Desde seu surgimento (no século XII europeu), a universidade sempre foi uma instituição social, isto é, uma ação social, uma prática social fundada no reconhecimento público de sua legitimidade e de suas atribuições, num princípio de diferenciação, que lhe confere autonomia perante outras instituições sociais e estruturada por ordenamentos, regras, normas e valores de reconhecimento e legitimidade interno a ela. A legitimidade da universidade moderna fundou-se na conquista da ideia de autonomia do saber em face da religião e do Estado, portanto, na ideia de um conhecimento guiado por sua própria lógica, por necessidades imanentes a ele, tanto do ponto de vista de sua invenção ou descoberta como do de sua transmissão.⁸⁶

A leitura desse primeiro ensaio possibilita a compreensão de que Candido estava preocupado com a defesa do ensino de literatura no ambiente acadêmico, bem como a própria formação dos estudantes que viriam a ser os futuros professores da área. Seriam eles os responsáveis pelo avanço da obra literária pelos confins do país, processo esse fundamental para a realização das transformações sociais que ela pode ocasionar.

⁸⁵ Ver Roberto Schwarz. Pressupostos, salvo engano, de “Dialética da Malandragem”. In: LAFER, Celso. *Esboço de figura – homenagem a Antonio Candido*. São Paulo: Duas Cidades, 1979, p.140,142.

⁸⁶ Ver Marilena Chaui. A universidade hoje. In: AGUIAR, Flávio (Org.). *op cit*, p. 279.

Além disso, não se pode deixar de citar como demonstração de seu intenso trabalho pelo desenvolvimento da universidade, Candido, durante os cinquenta anos em que foi professor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP – desde 1942 até 1992, buscou inovações e amplitudes a sua área, incentivando, como aponta Roberto Schwarz, que seu departamento acompanhasse de perto os estudos críticos e literários contemporâneos, já que sua “ânsia de atualização em toda linha e o decorrente ecletismo” de seu trabalho condiziriam “ a um dos traços originais e inovadores da atividade literária dele, como crítico e como professor”.⁸⁷ Vale ressaltar também seu intenso envolvimento a partir da década de 1960 em movimentos democráticos, à favor da liberdade universitária e contra a Ditadura Militar, como bem aponta Modesto Carvalhosa ao lembrar que a formação de nosso autor se confunde com a própria formação da Universidade de São Paulo (USP) e que sua relação com o ambiente universitário se intensificou ainda mais ao participar dos movimentos de militância da ADUSP (Associação de Docentes da USP), chegando a atuar como uma liderança política, responsável desde atitudes enérgicas - como subir sobre uma mesa em um discurso inflamado - até a redação e a organização de atas de reuniões da associação⁸⁸.

Após a compreensão da relação entre Candido e a universidade, bem como seu reconhecimento de que nela há um ambiente único para o estudo da literatura, como objeto de conhecimento e como base para a formação de docentes que serão os responsáveis pelo avanço da leitura pelo país, temos a introdução do segundo ensaio que compõe as análises desta pesquisa. Em *O papel do estudo sociológico da escola na sociologia educacional*, de 1955, Candido nos apresenta a importância de pensar o ambiente escolar à luz de análises objetivas, sociológicas, mas que aplicadas de forma direta.

Ao longo de seu texto, o autor defende o desenvolvimento da Sociologia da Educação, principalmente sua área de pesquisa, para, assim, termos a definição de critérios de estudo sobre a estrutura da escola. Nesse mesmo momento, lembra da

⁸⁷ Ver Roberto Schwarz. Antonio Candido. In: *Antonio Candido 100 anos*. São Paulo, Editora 34, 2018, p. 73.

⁸⁸ Ver Modesto Carvalhosa. Educação, Universidade e Movimento docente. In: AGUIAR, Flavio (Org.) *Antonio Candido: Pensamento e Militância*. São Paulo, Humanitas/Fundação Perseu Abramo, 1999, p. 223.

importância do estudo da estrutura interna da escola, não totalmente dependente da sala de aula, mas que consiga transpor suas paredes. Dessa forma, ao considerarmos a escola com o auxílio da Sociologia, tanto o educador quanto o aluno passariam a estar convictos dos papéis que apresentam no ambiente, conscientes de seus desafios. Nesse momento, é como se Candido, na prática, nos propusesse o que ele teorizou anos antes, no momento da escrita do primeiro ensaio aqui considerado. A partir de suas considerações sobre o ambiente escolar, temos a prova de sua “crítica integradora”, ao nos mostrar que a Sociologia, a Educação e a Literatura se destacam, podem ser áreas complementares e relevantes para a compreensão dos desafios escolares.

Além disso, é possível perceber a preocupação do autor com o próprio trabalho do professor no ambiente escolar – “incentivemos a pesquisa e a produção intelectual, condições do progresso do conhecimento, mas restauremos o ‘ser docente’, no sentido ontológico e ético, configurando profissionais que queiram ser professores e não se acanhem disso.”⁸⁹ Nesse momento, ocorre uma progressão do pensamento: se, anteriormente, Candido se preocupou com a formação do professor na universidade, agora, ele observou o fazer professoral, como ele ocorre na prática, dentro da escola e da sala de aula. Constata-se, logo de imediato, uma série de desafios que estão atrelados profundamente à realidade social brasileira e suas contradições.

Candido migra da universidade para uma análise da escola, análise essa que precisa ser mais técnica, efetiva, real e prática, que auxilie de fato o educador para conseguir exercer suas intervenções. Novamente, o movimento entre educação e literatura está aqui presente. O professor, educado pela universidade, está, agora, na escola, exercendo suas atividades apesar dos infortúnios de diversas naturezas.

É compreensível a preocupação de Candido em relação ao desenvolvimento de métodos efetivos de análise da escola, já que é dentro dela que a prática de leitura é aprendida e desenvolvida. Marisa Lajolo indica que a leitura é uma realidade implícita na estabilização do “sistema literário”⁹⁰ em Candido, já que,

⁸⁹ Ver Marilena Chauí. A universidade hoje. In: AGUIAR, Flávio (Org.). *op cit*, p. 275.

⁹⁰ Sistema literário é apontado por Antonio Candido como uma articulação de elementos que formam a atividade literária regular, a saber: *obras*, *públicos* e *autores* que estariam em consonância com uma *tradição* literária pátria, em que há o reconhecimento de obras e autores anteriores, servindo como

para a literatura existir, seria preciso uma interação dinâmica entre o eixo autor-obra-público. Ora, tal relação só seria possível em uma sociedade letrada, que apresente uma estrutura educacional eficiente.

E, se a história e a crítica literárias são os componentes mais abstratos deste sistema, o mais concreto é o sistema escolar, base sem a qual não ocorre alfabetização e letramento da comunidade a ser transformada em público. É na escola que começa a desenvolver-se a competência inicial de leitura, que aqui pode ser entendida como o princípio da familiaridade com os códigos de escrita.⁹¹

Portanto, se não há literatura sem sistema literário, não haverá sistema algum sem o aprendizado e desenvolvimento da leitura. A leitura, sendo considerada como uma prática social, é o recurso capaz de inserir um indivíduo no universo literário, recurso esse que ocorre fundamentalmente graças à escola. É nítido, ao comparar esses dois primeiros ensaios, o movimento de Candido em aproximar o binômio “universidade-escola”, além de um outro em que procuramos deixar claro nesta pesquisa: “literatura-educação”.

A despeito da função fundamental da escola, como lidar com as contradições da sociedade brasileira? Como superar tantas dificuldades em um país desigual, ainda mais no aspecto educacional? Parece que a resposta está justamente no terceiro ensaio que nos dispomos aqui a analisar: *Literatura e subdesenvolvimento*, de 1970.

Após listar os problemas que o Brasil apresenta graças à dependência e à penúria culturais, Candido parece apontar que é na instrução, na própria educação, o local onde devemos buscar essa superação das contradições. Contudo, a resposta não é, como ele mesmo afirma, algo semelhante à ideologia ilustrada, a educação sendo um caminho ideal, romantizado, capaz de resolver todos os problemas existentes. Na verdade, o que o autor nos apresenta é que, a partir da educação, a consciência de nossa própria realidade vem à tona, possibilitando, assim, a reflexão

parâmetro de aproximação ou afastamento. Ver Antonio Candido. *Iniciação à Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010, p. 16.

⁹¹ Ver Marisa Lajolo. “A leitura na Formação da Literatura Brasileira de Antonio Candido”. In: SERNA, Jorge Ruedas de la (Org.). *História e Literatura – Homenagem a Antonio Candido*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2003, p. 69.

e a sistematização de medidas para sua superação. Como Mario Torres afirma, o reconhecimento da realidade seria capaz de despertar um sentimento de urgência na transformação dos cenários de pobreza e incultura geral, sem o qual o desenvolvimento não seria alcançado⁹². E a literatura, obviamente, apresenta um papel fundamental nesse processo, já que, como afirmara no ensaio anterior, possui a primazia do fato social, funcionando como um verdadeiro portal para a compreensão da sociedade brasileira.

Mesmo o autor apresentando em seu texto as causas e os efeitos da dependência causada pelo atraso cultural brasileiro, ele observa um processo de superação baseado na ideia de uma interdependência cultural, em que a influência estrangeira seja utilizada em prol do desenvolvimento de obras literárias genuinamente brasileiras. É isso que Grínor Rojo nos apresenta ao analisar o mesmo ensaio que aqui nos dedicamos:

É este o ponto mais alto das esperanças de Candido, quando especula sobre a transformação possível da dependência em “interdependência”, em “integração nacional”, em “assimilação recíproca”. Ou seja, a firme consolidação do que já se possui permitiria em seguida a instauração de um novo modelo de trocas, mas dessa vez de ida e volta, sem desequilíbrios.⁹³

A noção de dependência cultural ganha ainda uma segunda valoração, já que Candido avança em sua consideração ao apontar que nossa capacidade de sermos originais se dá ao não sermos originais, sendo nosso modo de não sermos dependentes e sermos, justamente, dependentes, a partir do momento em que ocorreria uma “acumulação primitiva” capaz de originar obras originais a partir da interação do que vem de fora.⁹⁴

Contudo, ao se considerar esse processo de tomada de consciência e a posterior mudança rumo a um desenvolvimento promissor, ao mesmo tempo em que

⁹² Ver Mario René Rodríguez Torres. “De Antonio a Antonio”. In: FONSECA, Maria Augusta. SCHWARZ, Roberto (Orgs.) *Antonio Candido 100 anos*. São Paulo: Editora 34, 2018, p. 166-167.

⁹³ Ver Grínor Rojo. “Antonio Candido em diálogo com a teoria do desenvolvimento”. In: FONSECA, Maria Augusta. SCHWARZ, Roberto (Orgs.) *op.cit.* p. 166-167.

⁹⁴ ⁹⁴ Ver Grínor Rojo. *op.cit.*, p. 165.

se considera as dificuldades que são encontradas na área educacional, temos a impressão de que a transformação do Brasil em um país de leitores ainda se realizará em um futuro incerto.

Sobre isso, é importante citar que recentes estudos mostram a existência de novos elementos para se discutir a ideia de penúria cultural em Candido. Como exemplos desses novos elementos, temos a circulação transatlântica dos romances, a formação de públicos de literatura fora das classes altas e ainda ações educacionais de âmbito popular, tópicos que nos são apresentados por Alexandro Paixão em sua pesquisa sobre o público leitor existente na capital do Império, Rio de Janeiro, durante o século XIX. Paixão conclui

a existência de frações de públicos leitores advindos dos estratos médios e baixos, bem como a presença de uma escola para a comunidade livre e trabalhadora do Rio de Janeiro e de meios técnicos que nos revelaram que há estruturas temporariamente simultâneas entre a imprensa brasileira e europeia, criando outro universo de sentido sobre o problema da “penúria cultural”, indicada nas teses de Antonio Candido.⁹⁵

Essas novas informações que emergem são notáveis já que ressignificam a ideia de penúria cultural que Candido aponta no ensaio que aqui analisamos. Além disso, também são dados capazes de mostrar que nossa história não é uma narrativa única, mas que está passível de receber ajustes e novas informações que nos auxiliam a entender décadas passadas, bem como suas influências em nossos dias.

O que podemos concluir até o momento é que a ideia de uma completa dependência cultural não procede, já que temos elementos que comprovam, já no século XIX, a existência de uma rede de influências⁹⁶ entre Brasil e Europa, como a circulação de impressos, principalmente de romances, e também a estabilização de

⁹⁵ Ver Alexandro Paixão. “Sob a “penúria cultural” e outros elementos constitutivos da cultura literária transatlântica no Brasil oitocentista”. In: Mariana Chaguri; Mário Medeiros (Org). *Rumos do Sul: periferia e pensamento social*. São Paulo: Alameda, 2018, p. 196.

⁹⁶ Na pesquisa de Paixão a qual fazemos referência, há uma análise dedicada em relação a publicação de romances franceses durante o período estudado. Constatou-se que a publicação dessas obras na França e em Portugal ocorriam simultaneamente às publicações realizadas no Brasil. Esse dado comprova a ideia da existência de uma rede de comunicação intensa entre o eixo Europa-Brasil. Ver Alexandro Paixão, *op. cit.*

grupos de leitores não pertencentes às altas classes letradas. Contudo, mesmo com essas influências e leituras, como Paixão reafirma, “a cultura oitocentista brasileira não revolucionou as estruturas econômico-políticas como aconteceu na França. O livro, o romance, a leitura não foram uma “revolução cultural” no Brasil”⁹⁷. Logo, os pontos levantados por Candido em seu ensaio de 1970 permanecem atuais e importantes de serem debatidos, agora, à luz de novas considerações.

Percorridos esses passos, questões que ainda permanecem são: o que fazer nesse momento, com a consciência da realidade? Qual o papel que a literatura ainda tem? Como se dará a humanização a partir da literatura?

Essas perguntas tornaram-se preocupações para Antonio Candido. Procuraremos identificar suas possíveis respostas a partir desse novo momento que se inicia, ao propormos a construção de uma análise detida de três outros ensaios, a saber: *A literatura e a formação do homem*, de 1972; *A revolução de 30 e a cultura*, de 1980 e *O direito à literatura*, de 1988.

⁹⁷ Ver Alexandro Paixão. op. cit, p. 198.

Capítulo III

ANTONIO CANDIDO: A COMUNHÃO ENTRE HUMANIDADE E LITERATURA

Então o homem trancou a roda do leme e desceu ao campo com a foice na mão, e foi quando tinha cortado as primeiras espigas que viu uma sombra ao lado da sua sombra. Acordou abraçado à mulher da limpeza, e ela a ele, confundidos os corpos, confundidos os beliches, que não se sabe se este é o de bombordo ou o de estibordo. Depois, mal o sol acabou de nascer, o homem e a mulher foram pintar na proa do barco, de um lado e do outro, em letras brancas, o nome que ainda faltava dar à caravela. Pela hora do meio-dia, com a maré, A Ilha Desconhecida fez-se enfim ao mar, à procura de si mesma.⁹⁸

3.1 – A literatura e a formação do homem (1972)

Iniciaremos, a partir deste momento, uma análise mais detida de três ensaios fundamentais na obra de Antonio Candido, a começar por este que fora pronunciado pela primeira vez em uma conferência da XXIV Reunião Anual da SBPC em 1972 e que, posteriormente, foi publicado na *Revista Ciência e Cultura* no mesmo ano – *A literatura e a formação do homem* nos apresenta o olhar conciliador de Candido em relação à literatura e à vida humana.

Logo no início, o texto é bastante nítido em relação ao seu objetivo: apresentar a função humanizadora da literatura e a sua capacidade de confirmar, no homem, sua humanidade. Para tanto, faz-se necessário transcorrer acerca da real função da obra literária na sociedade. Qual seria seu papel?

Nesse âmbito, a discussão se constrói a partir da ambivalência entre *estrutura e função social* de uma obra literária. Segundo Candido, o estudo da estrutura – mais em voga no momentos da escrita do ensaio - é mais estático e não se limita à análise de uma obra em particular, mas sim relacioná-la a um modelo geral abstrato e histórico, sob o desejo de se chegar a um conhecimento de tipo científico. Seriam sistemas básicos regidos a partir de princípios de organização.⁹⁹ Tal ponto de

⁹⁸ Ver José Saramago. *O conto da ilha desconhecida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.62.

⁹⁹ Ver Antonio Candido. *A literatura e a formação do homem*. In: *Remate de Males : Revista do Departamento de Teoria Literária*, São Paulo, n. esp., p. 81-89, 1999.

análise não consideraria, portanto, elementos particulares da obra, como suas condições de produção, sua gênese e relação com o público leitor. Candido propõe que sua análise conciliará *num todo explicativo coerente a noção de estrutura e a de função*, já que a literatura desperta quase que naturalmente uma curiosidade geral em relação aos seus elementos contextuais, que permeiam, portanto, o aspecto da função social da obra. Em resumo

(...) há no estudo da obra literária um momento analítico, se quiserem de cunho científico, que precisa deixar em suspenso problemas relativos ao autor, ao valor, à atuação psíquica e social, a fim de reforçar uma concentração necessária na obra como objeto de conhecimento; e há um momento crítico, que indaga sobre a validade da obra e sua função como síntese e projeção da experiência humana.¹⁰⁰

Apontados esses diferentes campos de análise, partimos para o que o autor chama então de uma observação da função social das obras, que permitirá identificar como a literatura atua diante da formação do ser humano. Para tanto, é válido destacar que o texto se forma pelo contexto, isto é, ao adentrar uma produção, é preciso destacar os elementos que a influenciaram no momento de sua criação, em um movimento denominado pelo próprio autor como uma *independência dependente*.

A primeira função da literatura apontada é a psicológica. Ela se dá a partir da necessidade universal de ficção e de fantasia que todos possuíamos independentemente de quaisquer elementos sociais ou econômicos, idade ou formação intelectual. A literatura é capaz de atender essa demanda intrínseca à vida humana – narrativas populares, folclore, lendas e mitos, contos e romances, poema, ou ainda outros gêneros pertencentes ao universo propriamente oral, como novelas, cinema, podcasts e mídias em geral – são exemplos dessa riqueza disponível. Não há um dia sequer em que não tenhamos um momento de devaneio, de (re)criação de uma realidade, vivida ou desejada. A literatura age como uma forma de sistematizar a fantasia a partir de elementos da própria realidade. É a partir daí que nos aproximamos da relação íntima entre a literatura e a formação humana.

¹⁰⁰ Ver Antonio Candido. op cit, p. 82.

Dessa forma, seria possível apontar aproximações entre um autor e um cientista, já que ambos necessitam da imaginação na produção de seus afazeres, um com a explicativa, o outro com a fantástica¹⁰¹. Essa imaginação, considerada também como uma reflexão ou, ainda, um devaneio, são essenciais para o trabalho literário e científico – “uma imaginação criadora para além, e não uma imaginação reprodutiva ao lado”.¹⁰²

Portanto, é possível identificar uma aproximação entre a realidade e a obra literária, não apenas tentando explicar o que vemos, como também a própria realidade capaz de influenciar a elaboração da literatura, sua organicidade e desenvolvimento. E o movimento contrário ocorre com igual intensidade, a partir do momento em que tomamos consciência de que a literatura também, conciente ou inconcientemente, é capaz de influenciar um indivíduo. Reviver cenas ficcionais, ser influenciado por personagens, viver situações semelhantes às presentes nas obras, refletir sobre acontecimentos da vida a partir de experiências vivenciadas não por outros seres humanos que conhecemos, mas sim, por personagens irreais... quem jamais vivenciou momentos como esse? Sobre essa questão, Candido afirma que

as camadas profundas da nossa personalidade podem sofrer um bombardeio poderoso das obras que lemos e que atuam de maneira que não podemos avaliar. Talvez os contos populares, as historietas ilustradas, os romances policiais ou de capa-e-espada, as fitas de cinema, atuem tanto quanto a escola e a família na formação de uma criança e de um adolescente.¹⁰³

Tal temática, que se estabelece na análise da relação da literatura e a formação humana, é uma preocupação de Candido e que também aparece em estudos do médico neurologista Sigmund Freud, considerado o fundador da psicanálise.¹⁰⁴ O autor austríaco, em *Escritores criativos e devaneio*, analisa a

¹⁰¹ Gêneros textuais como mitos e lendas são apontados por Candido como textos que buscavam explicações para acontecimentos que o homem estava em busca de descobrir. O princípio de explicação da realidade seria o mesmo da ciência.

¹⁰² Ver Antonio Candido. op cit, p. 83.

¹⁰³ Ver Antonio Candido. op cit, p. 84.

¹⁰⁴ A partir de uma breve e simplificada definição, a psicanálise constitui-se como um método de tratamento de transtornos mentais a partir da compreensão de pensamentos que estariam

capacidade de uma obra literária conseguir influenciar um determinado indivíduo. Em suas considerações, comenta que um autor se assemelha à uma criança que devaneia, que deseja e que expõe suas fantasias no ato simples de brincar.

O escritor, por sua vez, mesmo sendo um adulto e tendo superado seu período de brincadeiras, seria capaz de dar continuidade à prática, sendo a obra literária um substituto do brincar infantil. A literatura, então, se definiria como essa capacidade de um escritor conseguir comunicar-se e revelar seus mais profundos sentimentos e desejos, que estariam ligados à experiências pessoais. Contudo, ao fazê-lo, ao revelar-se aos leitores, não há ojerisa nesse contato, como seria de se imaginar ao se descobrir algo íntimo de alguém. Na verdade, o escritor consegue superar tal repulsa que poderíamos sentir ao gerar em nós um prazer estético, que se constitui na liberação de tensões em nossas mentes. Freud esclarece esse processo ao apontar que a

verdadeira *ars poetica* está na técnica de superar esse nosso sentimento de repulsa, sem dúvida ligado às barreiras que separam cada ego dos demais. Podemos perceber dois dos métodos empregados por essa técnica. O escritor suaviza o caráter de seus devaneios egoístas por meio de alterações e disfarces, e nos suborna com o prazer puramente formal, isto é, estético, que nos oferece na apresentação de suas fantasias. Denominamos de prêmio de estímulo ou de prazer preliminar ao prazer desse gênero, que nos é oferecido para possibilitar a liberação de um prazer ainda maior, proveniente de fontes psíquicas mais profundas. Em minha opinião, todo prazer estético que o escritor criativo nos proporciona é da mesma natureza desse prazer preliminar, e a verdadeira satisfação que usufruímos de uma obra literária procede de uma libertação de tensões em nossas mentes. Talvez até grande parte desse efeito seja devida à possibilidade que o escritor nos oferece de, dali em diante, nos deleitarmos com nossos próprios devaneios, sem auto-acusações ou vergonha.¹⁰⁵

Portanto, enquanto Antonio Candido analisa as contribuições da literatura ao se considerar a constituição formal de um ser, melhorando nele suas capacidades

profundamente atrelados ao inconsciente da mente humana. A tomada de consciência de tais pensamentos seria a chave para a superação de tais transtornos.

¹⁰⁵ Ver Sigmund Freud. “Escritores Criativos e Devaneios”. In: ‘*Gradiva de Jensen*’ e *Outros Trabalhos*’. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 85.

de leitura e entendimento do mundo, Freud vê as contribuições da obra literária em relação ao entedimento do inconsciente do homem, já que atuaria como uma facilitadora no processo de compreensão do inconsciente, fato considerado fundamental para a superação de transtornos psíquicos.

Além disso, o próprio Candido, em sua obra *O estudo analítico do poema*, ao estudar o uso de metáforas na produção de textos literários, em especial textos poéticos, cita as contribuições de novos estudos no campo da psicologia no estudo da literatura.

A contribuição da psicologia foi talvez mais importante, ao aprofundar o conhecimento que tínhamos do processo de criação poética, de elaboração de uma linguagem figurada, em geral, metafórica, em particular. Os estudos de Freud e seus discípulos, ou de dissidentes da psicanálise, como Jung, fizeram ver a importância da formação de imagens como processo normal e constante de elaboração mental. O homem forma imagens para dar vazão a necessidades profundas, e elas são carregadas de um valor simbólico que escapa ao seu elaborador. A importância do valor simbólico da palavra é um dos postulados da psicologia moderna mostrando que a palavra é não apenas signo arbitrário (como ensina a linguística), mas invólucro simbólico de um sentido que radica em camadas profundas do espírito.¹⁰⁶

Voltando ao ensaio de Candido, temos nesse momento uma afirmação decisiva que influenciará o avanço do texto que estamos analisando: a literatura é tão relevante para a formação de um indivíduo quanto a própria educação escolar. Porém, as letras apresentam a mesma capacidade de educação formal, isto é, baseiam-se em uma série de instruções, regras, em busca de instruções de base moral ou cívica? Seria, portanto, segura a utilização dos livros nesse processo?

Candido responde decisivamente sobre essa questão ao afirmar que sim, a literatura é capaz de formar; contudo, ela não o faz segundo uma pedagogia definida, oficial. Seria um processo não natural exigir dela esse funcionamento de manual pedagógico ou de boas maneiras, já que *a literatura como a vida, ensina na medida em que atua com toda a sua gama*, ou seja, ela pode ser controversa, dinâmica, muitas vezes complexa e exigir uma profunda reflexão e análise, assim

¹⁰⁶ Ver Antonio Candido. *O estudo analítico do poema*. São Paulo: Humanitas, 2006, p. 150-151.

como a própria vida humana. Dessa forma, é compreensível os receios que educadores e escolas apresentam no momento em que vão lidar com determinadas obras ou autores. O processo de seleção de livros é considerado como essencial já que a participação dos alunos e possíveis reflexões apenas poderão se realizar a partir de obras que as possibilitem.

Sobre essa questão, é relevante conferir como ela aparece em outro autor. Raymond Williams - sociólogo e acadêmico galês que se dedicou durante quinze anos ao ensino de literatura para adultos trabalhadores na Grã-Bretanha – apresenta importantes reflexões de como se ensinar literatura, e o faz a partir de suas próprias experiências.

Segundo ele, é fundamental considerar o aluno como centro das aulas, e que as discussões e análises do texto literário devem partir dos próprios alunos, não de definições do professor, afastando-se, portanto, do formato de “aula palestra”. Além disso, ele aponta como fundamental o momento de seleção das obras a serem lidas, desde poemas, peças teatrais, romances, bem como a quantidade de leituras e a definição de tempo hábil para que elas ocorram a partir do ritmo de vida de seus alunos.

O foco das aulas, segundo Williams, deve ser a realização do método da discussão. Assim, as aulas não seriam sobre literatura, ou ainda, sobre uma historiografia literária; na verdade, as aulas abordaram a literatura em si, que se estabelece a partir da leitura e debate do texto determinado. Sobre esse processo, o autor galês afirma que

É essencial que os estudantes digam o que realmente sentem ao invés do que eles acham que deveriam sentir, e isso só pode ser conseguido se o tutor não indicar que tipos de comentário ele espera. Ele não deve, na minha opinião, nem explicitar se prefere comentários sobre o “estilo” ou o “conteúdo”. É importante para ele que tipo de comentário o estudante faz sem indicação. As únicas questões que ele deveria responder são aquelas sobre dificuldades puramente literais, como aquelas sobre palavras antiquadas e assim por diante.

(...)

Desta forma, acredito que é possível ler literatura de forma adequada e treinar a leitura, para abordar problemas críticos e abstrações sobre

questões prementes, e estar preparado para estender a discussão para temas filosóficos e sociais sempre que necessário.¹⁰⁷

Ao se considerar o método apontado por Williams do ensino de literatura, com amplo debate e papel central sendo exercido pelo aluno, e o alerta de Candido em relação à capacidade da literatura ensinar tal qual a vida, com seus dilemas e contradições, chegamos, então, a um paradoxo: ao mesmo tempo em que uma obra literária é apontada como uma ferramenta indispensável à formação humana, ela pode, igualmente, corrompê-la?

Como ilustração, obras de Aluísio Azevedo e Jorge Amado, leituras obrigatórias pelo país em várias instituições de ensino, inclusive cristãs, apresentam fortes componentes sexuais, que tradicionalmente recebem uma atenção contida, muitas vezes nem abordada. Como lidar com tal situação? Uma dúvida se instala justamente na forma como a literatura deve ser vista. Como instrução ou como um elo da vida cotidiana? Candido tenta nos apontar um caminho:

o conflito entre a ideia convencional de uma literatura que eleva e edifica (segundo os padrões oficiais) e a sua poderosa força indiscriminada de iniciação na vida, com uma variada complexidade nem sempre desejada pelos educadores. Ela não corrompe nem edifica, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver.¹⁰⁸

Diante do que se apresenta, é como se uma terceira opção de entendimento fosse apontada – a literatura não necessariamente edifica ou corrompe o ser humano. Na verdade, ela apresenta a ele diversas situações do dia a dia, fazendo-o viver momentos em lugares e sob perspectivas que provavelmente não poderiam se realizar propriamente na vida de um determinado leitor. Logo, é através da obra literária que o ser humano vive, passando por inúmeros processos que o tornarão cada vez mais apto a interagir e agir com outros e consigo mesmo,

¹⁰⁷ Ver Alexandro Paixão. (Org.) *Raymond Williams e Educação – coletânea de textos sobre extensão, tutoria, currículo e métodos de ensino*. Campinas: Editora FE-UNICAMP, 2019. p. 48,49.

¹⁰⁸ Ver Antonio Candido. op cit, p. 85.

exercitando cada vez mais sua própria humanidade. Dessa forma, ao repensar o lugar da obra literária no contexto escolar, percebemos que agora ela se torna ainda mais relevante, já que a discussão exacerba limites morais ou puramente educativos. Ela é capaz de fornecer ao aluno condições básicas para que ele possa desenvolver propriamente suas habilidades de percepção, leitura e entendimento do mundo. É como diz Candido – *ela faz viver*.

Continuando a análise, após afirmar as funções da literatura de satisfazer a necessidade humana universal de ficção e ajudar no processo de formação de um indivíduo, ela poderia ir ainda além, fornecendo, por exemplo, conhecimento de mundo e dos seres? Seria possível conhecer melhor a realidade a partir da leitura de uma obra literária?

Antes de aprofundar o assunto, Antonio Candido nos recorda que essa questão é complexa ao citar o caso do Regionalismo brasileiro. Esse movimento literário fora capaz de criar uma tensão entre tema e linguagem na busca de tentar representar a vida brasileira real, com todas as suas belezas e contradições. Contudo, não se pode negar que esse processo cooperou para a construção de estigmas e da intensificação do pitoresco que acaba prevalecendo diante da própria realidade. A tensão citada seria a tentativa de representar o tema rústico, repleto de elementos pitorescos, ao mesmo tempo em que se tenta manter uma linguagem culta, própria da tradição literária.

Como exemplo, o autor cita o escritor Coelho Neto, que procurou representar em sua obra tanto as marcas da fala informal dos personagens quanto a erudição formal literária na pessoa do próprio narrador, este totalmente distante daqueles que narra. Esse processo representaria “uma falsa admissão do homem rural ao universo dos valores éticos e estéticos que poderia levar a uma representação desumanizada do homem das culturas rurais”.¹⁰⁹ Porém, é com a obra de Simão Lopes Neto que Candido identifica uma solução para essa dificuldade conciliatória entre a linguagem e o assunto. No conto “Contrabando”, Neto opta pela utilização de um narrador fictício que apresenta pontos em comum em relação àqueles que narra, isto é, não há quebra alguma entre o narrador e as personagens.

Quem lê, portanto, sente-se nivelado e preparado a partir do momento em que o narrador, atuando como um mediador entre a realidade literária ficcional e a

¹⁰⁹ Ver Antonio Candido. op cit, p. 88.

realidade do leitor, age em prol da narrativa ocorrer da maneira mais natural possível, sem solavancos ou inadequações de qualquer natureza. Assim, o leitor estará apto para incorporar à sua própria realidade aquilo que acabara de ler. O processo seguinte, de estimular no leitor seu processo de humanização, continuará ocorrendo a partir de uma *experiência humana mais profunda* possibilitada pela própria linguagem.

Sobre essa questão, citamos aqui um estudo aprofundado sobre a obra do escritor regionalista José Lins do Rego, em particular, de suas crônicas e romances formadores do “Ciclo da Cana-de-Açúcar”, em que Mariana Chaguri retoma a importância de se analisar a dinâmica estética e a dinâmica social de uma obra, isto é, o estranhamento entre o narrador e a realidade. A verossimilhança, a lógica de uma narrativa, não advém da possibilidade de compará-la ao mundo real, mas sim, de analisá-la internamente, levando-se em consideração os elementos de sua composição. Portanto, vendo dessa forma,

o Regionalismo é compreendido e analisado como uma discussão estética, política e social que data dos anos 20, mas que apenas consegue ganhar expressão nacional na década seguinte em razão, especialmente, das consequências políticas da Revolução de 30 a qual buscou dar visibilidade à diversidade existente no país. Isto é, a partir então, elites regionais (que não as de São Paulo, nem as de Minas Gerais) se fazem ver e insistirão, principalmente por meio da literatura, na diversidade regional como modo de realizar uma operação pela unidade nacional (e para a compreensão desta).¹¹⁰

Recuperando a noção de projeto estético e ideológico do Regionalismo brasileiro, Chaguri revela o projeto estético como sendo a aproximação da linguagem literária da linguagem oral a partir do surgimento de um narrador popular, como o próprio Candido afirmou anteriormente. Essa prática, somada à recuperação da trajetória das elites agrárias nordestinas, a despeito da decadência econômica que enfrentaram nos decênios de 1920 e 1930, possibilitaria à região nordestina ter a função de conferir autenticidade e originalidade ao Brasil. Essa tradição da região

¹¹⁰ Ver Mariana Miggiolaro Chaguri. *Do Recife nos anos 20 ao Rio de Janeiro nos anos 30: Jose Lins do Rego, regionalismo e tradicionalismo*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas. 2007, p. 16.

passaria, então, a ser considerada como forma de se analisar o país, constituindo-se esse aspecto como o projeto ideológico do movimento.

Portanto, esse estudo citado reafirma a premissa de Candido ao apontar a influência da obra literária sobre um indivíduo, já que ela seria capaz de apresentar uma realidade não idêntica à real, mas que permitiria a incorporação por parte do leitor de aspectos de sua vida. Estaria aí, nesse movimento entre obra-leitor, o início do processo de humanização por meio da literatura. E, indo além, o estudo de Chaguri nos permite perceber como a literatura seria capaz, até mesmo, de influenciar a constituição de uma visão nacional em prol da valorização de elementos típicos da cultura do país, sendo o Regionalismo “a expressão cultural mais autêntica da brasilidade”, como afirma Gilberto Freyre.

Temos aí o último elemento trazido por Candido em seu ensaio: a literatura pode funcionar como um elemento de conhecimento e de reconhecimento do mundo. Contudo, nesse processo, é a linguagem que possui uma importância primordial, já que ela cria uma ponte entre as duas realidades postas lado a lado: a ficcional, na qual o leitor mergulhará, e a real, sob a qual o leitor já vive e conhece.

3.2 – A revolução de 30 e a cultura (1980)

O quinto ensaio que nos deteremos agora foi primeiramente exposto no “Simpósio sobre a revolução de 1930 no Rio Grande do Sul” em 1980, e foi, três anos mais tarde, publicado em livro de mesmo nome organizado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Trata-se de mais um texto fundamental do autor que, somado aos anteriores, nos ajudará a compreender conexões entre literatura e educação.

Inicialmente, Candido comenta que o decênio de 1930 foi, de fato, único, já que havia uma grande atmosfera de fervor no plano da cultura. Mudanças estavam prestes a acontecer motivadas pelas transformações que ocorreriam no plano político, a partir da tomada do poder por Getúlio Vargas. Tais modificações, gestadas e planejadas ao longo do decênio anterior, poderiam agora sair da teoria e avançar para a realidade. O que ocorre em 1930, segundo Candido, é um esforço inicial no avanço do acesso à cultura em um país terrivelmente marcado pelas desigualdades. Em resumo, os avanços ocorreriam nos setores:

instrução pública, vida artística e literária, estudos históricos e sociais, meios de difusão cultural como o livro e o rádio (que teve desenvolvimento espetacular). Tudo ligado a uma correlação nova entre, de um lado, o intelectual e o artista; do outro, a sociedade e o estado — devido às novas condições econômico-sociais. E também à surpreendente tomada de consciência ideológica de intelectuais e artistas, numa radicalização que antes era quase inexistente.¹¹¹

Durante esse período, o campo educacional obteve uma considerável transformação. Se no decênio de 1920 as reformas educacionais foram implementadas, foi no decênio seguinte em que elas, de fato, se estenderam por todo o país. Candido cita como exemplos as reformas de Sampaio Dora em São Paulo, a de Lourenço Filho no Ceará, a de Francisco Campos em Minas Gerais e a de Fernando de Azevedo no Distrito Federal. Basicamente, todas essas transformações visavam uma renovação pedagógica denominada “escola nova” baseada em um liberalismo educacional, fato que gerou tensões especialmente com o ensino religioso. A escola pública, portanto, dava um passo importante na formação do “cidadão” e não somente do “fiel”. Buscava-se o ensino a partir da análise e da observação, e não apenas a partir de dogmas. Ainda no âmbito educacional, nesse mesmo período, a ideia de se organizar uma universidade ganha cada vez mais força, se consolidando em 1934, com a fundação da Universidade de São Paulo (USP).

Para exemplificar esse momento relevante ao qual Candido referencia, Andre Paulilo dedicou-se a analisar a remodelação da capital da república, Rio de Janeiro, durante o decênio de 1920, mudanças essas que modificaram a vida social da população, sobretudo as menos favorecidas. O conjunto de suas investigações somadas a outros estudos citados pelo autor corroboram a importância do papel da escola na contribuição da reforma urbana e social, como também no desenvolvimento de estratégias disciplinadoras da população pobre.

Além da implantação de estratégias que evitassem a evasão escolar, a modificação de grades curriculares e a promoção de políticas escolares em prol da saúde, principalmente em relação à higiene pessoal, houve a promoção do ambiente escolar como um acontecimento urbano, contribuindo para a organização e para a disciplina do cotidiano da cidade. Esse processo, segundo Paulilo, lidou “com as

¹¹¹ Ver Antonio Candido. *Novos Estudos Cebrap*. São Paulo, v. 2, 4, 1984, p. 27.

vicissitudes da pobreza, a precariedade das condições de saúde e habitação da cidade e os arcaísmos e conservantismos dos costumes populares na escola”, e assim “foi mais que explicitar o presente, foi exorcizar o passado e imaginar o futuro.”¹¹²

O período citado por Candido nos revela, principalmente na capital federal, como nos mostra Paulilo, uma tentativa de fazer com que a escola exercesse um papel de interferência sobre a realidade da cidade, atuando como um “instrumento de construção moral e produtiva da cidadania e da vida urbana”. Portanto,

A presença da escola na cidade, sobretudo nas áreas pobres, nos seus subúrbios e favelas, respondia ao desafio da questão social de educar e transformar em cidadãos os párias pobres, miscigenados e analfabetos da capital. Conforme advertiu Conniff (2005, p. 235), mudar o modo de vida dessas pessoas foi um meio de conquistar apoio das classes médias e dos desfavorecidos. Tal qual a reforma de Fernando de Azevedo na década anterior, as ações de Anísio Teixeira sobre a escola pública contribuíram consideravelmente com o situacionismo político da cidade, desta vez, para a liderança populista do prefeito Pedro Ernesto.¹¹³

Portanto, é possível perceber a preocupação do poder público em se valer do papel social da escola na implementação de políticas que a aproximassem da organização da vida social da cidade, a fim de obter elementos facilitadores na organização e controle das populações, sobretudo as desfavorecidas.

Candido continua seu ensaio mostrando que, no mesmo decênio de 1930, houve a criação do Ministério de Educação e Saúde, sob supervisão de Francisco Campos, que já havia promovido mudanças significativas em Minas Gerais. A Reforma que leva seu nome ajudou a promover em escala nacional a difusão da formação elementar que, somada ao voto secreto, possibilitaria ao país se formar adequadamente e escolher melhor seus próprios representantes. Como afirma, “o objetivo era ampliar e “melhorar” o recrutamento da massa votante, e de enriquecer a composição da elite votada.”¹¹⁴

¹¹² Ver Andre Luiz Paulilo. “A cidade como programa: Escola pública e vida urbana na capital da Velha República”. In: *História Social*. Revista de Pós-graduação em História da Unicamp. n. 21, 2011, p.218.

¹¹³ Ver Andre Luiz Paulilo. *op.cit.* p. 230.

¹¹⁴ Ver Antonio Candido. *op cit*, p.28.

Essas mudanças no cenário educacional não promoveram profundas revoluções e não solucionou as desigualdade do Brasil, mas se tratou de uma reforma ampla em que houve uma melhoria no que se refere ao ensino básico ao médio, bem como o ensino técnico, além do universitário, com a criação da USP já citada.

Vale ressaltar que os ensinios universitários no decênio de 1920 eram diferentes, a partir da estabelecimento de faculdades isoladas que disponibilizavam os cursos já tradicionais de direito, medicina e engenharia, mantendo uma espécie de nobreza entre as escolas superiores. Em 1930, as faculdades começaram a se organizar de outro modo, a partir de um sistema em que cada curso estava em diálogo com os outros, e ocorreu um aumento dos cursos profissionais (farmácia, odontologia, agronomia, veterinária) além das humanidades (ciências sociais e humanas). Sendo assim, houve “uma espécie de "democratização" dentro dos setores privilegiados, com ascensão dos seus estratos menos favorecidos”.¹¹⁵ Além disso, a presença dos “cursos baixos” como filosofia e ciências sociais, elevou o espírito crítico desses recintos onde até então os dogmatismos e tradicionalismos imperavam.

Ao se considerar a fundação da Universidade de São Paulo, os estudos de Irene Cardoso comprovam a relação entre educação e a formação de “elites” que fossem capazes de elevar intelectualmente a realização de projetos da oligarquia em crise, naquele momento. Como afirma Alfredo Bosi, “é necessário que o sistema escolar produza uma ‘elite norteadora’ acima dos interesses partidários. O ensino deve ser ‘livre’, isto é, constituído de iniciativas particulares esclarecidas e sustentadas em todas as classes e em todas as direções”.¹¹⁶ Ao ensino superior, caberia à formação das elites; já a classe média estaria destinada aos curso primário e secundário; e às massas, o primário.

Irene Cardoso comenta a importância da fundação da USP e o que sua existência representaria naquele momento:

A via de realização fundamental do projeto de regeneração política da nacionalidade proposta pela Comunhão Paulista é a educação, e dentro dela o elemento de maior importância, a Universidade. A primazia da Universidade sobre os demais níveis de ensino deve-se ao fato de que é nela que se forma a elite dirigente indispensável à

¹¹⁵ Ver Antonio Candido. op cit, p.29.

¹¹⁶ Ver Alfredo Bosi. Prefácio – Uma crônica das origens. In: Cardoso, Irene. *A universidade da comunhão paulista*. São Paulo: Cortez, 1982, p. 12.

obra de regeneração política da nacionalidade, capaz de propor um projeto que seria assimilado e propagado por uma 'corrente de opinião' constituída pela classe média formada pelo ensino secundário. É importante que se retenha que o controle da Universidade, por um determinado grupo, implica o poder de propor e reproduzir um determinado projeto político para a sociedade. É dentro dessa proposição que a Universidade aparece como ponto nuclear do projeto da Comunhão.¹¹⁷

Portanto, é exatamente esse contexto que Candido rememora em seu ensaio. Ao avançar para uma análise do plano das Artes, ele afirma que o mesmo decênio destacado foi decisivo para novas modificações, como a perda da influência do Modernismo, a valorização da obra de Villa Lobos, a organização do 38º Salão da Escola Nacional de Belas Artes, os trabalhos de Oscar Niemeyer e Cândido Portinari no prédio do Ministério da Educação e Saúde, além de inovações no campo arquitetônico com o "estilo futurista" tornando-se cada vez mais difundido.

Já no campo da Literatura ocorreram o que Candido afirma como "atualizações" de acontecimentos de 1920, como o enfraquecimento da literatura acadêmica e o alargamento das literaturas regionais em escala nacional, bem como a polarização ideológica. Antes, a literatura valorizava o purismo gramatical na tentativa de cristalização da língua, a aproximação com a literatura portuguesa transformando nossa cultura como de fachada, instituições simbólicas mas sem grandes atuações com a Academia Brasileira de Letras (ABL) e o movimento modernista visto como excêntrico e transitório.

Contudo, um período de liberdade e de rejeição dos velhos padrões estava por vir a partir do decênio de 1930, em que a escrita de grandes autores em decênios posteriores como Graciliano Ramos¹¹⁸ puderam ser recebidas e assimiladas.

¹¹⁷ Ver Irene Cardoso. op.cit., p. 41-42.

¹¹⁸ Como constatação da relevância da obra de Graciliano Ramos, a obra *Ficção e Confissão* de Antonio Candido reúne quatro ensaios dedicados à análise das principais obras do autor. Candido o considera "um dos maiores escritores da nossa literatura, um dos raros cuja alta qualidade parece crescer à medida que o releemos". Ao iniciar sua análise do primeiro romance de Graciliano, *Caetés*, nosso autor continua suas considerações ao analisar sua escrita, ao dizer "De tal forma que, embora pouco afeito ao pitoresco e ao descritivo, e antes de mais nada preocupado em 'ser', por intermédio de sua obra, como artista e como homem, termina por nos conduzir discretamente a esferas bastante várias da humanidade, sem se afastar demasiado de certos temas e modos de escrever". Ver Antonio Candido. *Ficção e Confissão – ensaios sobre Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992, p. 10,13.

Como exemplo dessa relação entre a literatura e o decênio aqui apontado, partindo da obra de Graciliano, temos a figura de Paulo Honório, personagem central da obra “São Bernardo”, de 1934, apontado por Claudiene dos Santos como “uma alegoria histórica para se referir ao declínio social das oligarquias rurais e do coronelismo”. Esse caso funcionaria como constatação do resultado de um intercâmbio social entre autor e o espaço social no qual ele se encontra inserido e onde ele retira suas percepções políticas sobre a sua realidade”.¹¹⁹

Segundo Santos, a obra permite entender as noções políticas das transformações sociais que ocorriam no período, além de fazer referência ao evento e aos impactos sociais da Revolução de 1930, como o declínio das oligarquias rurais e o fim de uma estrutura econômica que não mais atendia às novas demandas que surgiam.

A decadência de Paulo Honório representou o fim de uma classe política que era indiferente à lei e fazia do uso da força física e da violência para exercer controle e domínio das classes subalternas. Dessa forma, em São Bernardo os dramas, as visões, experiências, ideologias e modos de vida das personagens enquanto alegorias históricas nos possibilitam entender a lógica e a visão de mundo de um grupo social (coronéis), e os métodos utilizadas por eles para manter seu poder e prestígio político. Graciliano através de sua protagonista denuncia os abusos de poder e a exploração dos trabalhadores por parte dos coronéis, além de ajuda a entender o valor da Revolução de 30 para a formação do Brasil moderno.¹²⁰

Após fazer referência ao contato entre a literatura e o momento histórico vivido, Candido parte para a análise material dela no que se refere à própria fisionomia das obras. Com o movimento modernista, não apenas a fisionomia foi modificada, principalmente a partir do avanço das tecnologias da época, como também no campo poético, com a liberdade para o uso de versos livres e de novos temas que foram devidamente explorados por inúmeros autores, como Manuel Bandeira e Mário de Andrade. E essas transformações na literatura, sem dúvida, também chegaria ao âmbito das reformas educacionais.

¹¹⁹ Ver Claudiene Reis dos Santos. *Sociologia da Literatura: os reflexos da Revolução de 30 em São Bernardo*. Revista Café com Sociologia. V. 4 N. 2, 2015, p. 159.

¹²⁰ Ver Claudiene Reis dos Santos. *op.cit*, p. 167.

Foi nesse mesmo período em que escritores provenientes da década de 1920 e 1930 foram incorporados às escolas, renovando o ensino que já se modificava amplamente. Vale ressaltar a valorização das literaturas regionais, principalmente o chamado “romance do Nordeste” além das produções advindas da região sul do país, como Rio Grande, até então não conhecida em outras regiões.

Para se ter noção desse avanço concreto no universo literário, Candido afirma que

Foi com efeito notável a interpenetração literária em todo o Brasil depois de 30, quando um jovem, digamos do interior de Minas, ia vivendo numa experiência feérica e real a Bahia de Jorge Amado, a Paraíba ou o Recife de José Lins do Rego, a Aracaju de Amando Fontes, a Amazônia de Abguar Bastos, a Belo Horizonte de Ciro dos Anjos, a Porto Alegre de Érico Veríssimo ou Dionélio Machado, a cidade cujo rio imitava o Reno, de Viana Moog. Foi como se a literatura tivesse desenvolvido para o leitor uma visão renovada, não-convencional, do seu país, visto como um conjunto diversificado mas solidário.¹²¹

É possível constatar, portanto, que durante esse período a literatura desenvolveu no leitor uma visão renovada e conjunta do país, apresentando um aspecto do Brasil até então não representado.

Foi também no decênio de 1930 que as letras estiveram em contato com questões políticas (comunismo e facismo) e religiosas da época. O debate entre os intelectuais, mesmo não expondo claramente a posição de cada um deles, valeu-se também da literatura em vários momentos. Autores como Murilo Mendes, Vinícius de Moraes, Jorge de Lima, dentre outros, revelam como a literatura também se identificou com questões religiosas em voga, um gosto para com assuntos escatológicos, pesquisas em busca de “essências”, “vocações” ou “mensagem”. Ao tratar sobre questões políticas, muitos autores se declararam de esquerda, juntamente com a introdução no Brasil de obras sobre anarquismo, marxismo, sindicalismo, movimento operário advindas do exterior e que, tempos depois, ajudariam a inspirar outros autores para contribuírem na discussão no Brasil. Mesmo aqueles que não se declaravam de um lado ou de outro, é nítida a preocupação de muitos para com as questões “sociais” na busca de uma sociedade possivelmente mais igualitária.

¹²¹ Ver Antonio Candido. *op cit*, p.30.

Antonio Candido não deixa de comentar também que foi nesse período que tivemos um grande desenvolvimento nos estudos sociais que procuravam compreender a “realidade brasileira”. Essa realidade, agora, é mais consciente de seus dilemas e procura reinterpretar o passado nacional, principalmente acontecimentos em relação à política e ao homem negro. Obras como *Casa Grande e Senzala* (1933) de Gilberto Freyre, *Raízes do Brasil* (1935) de Sérgio Buarque de Holanda, seguidas de *Formação do Brasil Contemporâneo* (1942), de Caio Prado Júnior, são exemplos de profundos estudos que buscam, a partir das inovações teóricas e analíticas possibilitadas pelo contexto, compreender melhor acontecimentos do país até então tidos apenas de uma única forma, influenciada pela manutenção de um tradicionalismo dentro e fora da esfera acadêmica. Candido não se esquece da grande contribuição que professores e pesquisadores estrangeiros prestaram nesse mesmo período, assim como a missão francesa tão importante à Universidade de São Paulo, como Claude Lévi-Strauss, Roger Bastide, dentre outros.

Diante de todas essas mudanças no campo das artes, da literatura e dos estudos brasileiros, a indústria do livro também apresentou seus avanços. No decênio de 1930, novos autores surgiram e foram conquistando seus espaços, principalmente por apresentarem temas renovados atrelados às mudanças que comentamos anteriormente. A fundação da editora de Monteiro Lobato, mesmo ocorrendo no decênio anterior, trouxe novos comportamentos em anos seguintes, ao dar preferência aos autores brasileiros atuais, aos assuntos em voga na época e a criação de um material e fisionomia para os livros que fosse única, inédita, e não somente algo parecido com as edições estrangeiras.

Heloisa Pontes afirma que essa expansão do mercado editorial brasileiro se insere em um quadro mais amplo de interesse renovado pelo Brasil, justamente a partir da revolução de 1930, criando um movimento de unificação cultural nunca visto. Para nos ajudar a entender tais transformações, Pontes comenta que

Até o início dos anos 20, os livros de escritores brasileiros, além de escassos se comparados com o montante de títulos importados, eram, em sua maioria, impressos no exterior, principalmente na França e em Portugal. Publicar um livro era uma tarefa difícil, muitas vezes executada pelo próprio autor, em edições nunca superiores a 1.000 exemplares, pagas, quase sempre, por ele mesmo. Nos anos 30, essa situação e a do mercado editorial em geral sofreram uma modificação substancial. O crescimento na edição de livros, segundo Laurence

Hallewell foi fenomenal. “ As cifras para São Paulo sugerem uma taxa de crescimento na produção de livros, entre 1930 e 1936, de mais de 600% . Ninguém naquela época punha em dúvida uma realidade: a de que uma indústria editorial brasileira, viável, havia surgido praticamente do nada no período que se seguira à revolução”.(1985:337)¹²²

O fundamental ocorrido em 1930, segundo Candido, é a generalização em grande escala “deste desejo de nacionalizar o livro e torná-lo instrumento da cultura mais viva do país. As editoras procuraram inclusive criar uma literatura didática ajustada aos novos programas e aos ideais das reformas educacionais”.¹²³ Exemplos de empreendimentos editoriais de sucesso foram a Companhia Editora Nacional (sucessora da Monteiro Lobato & Cia), Editora Globo em Porto Alegre, a José Olympio no Rio de Janeiro, Pindorama e Amigos do Livro em Minas Gerais.

É a editora de José Olympio que Antonio Candido mais elogia e reconhece às contribuições para o desenvolvimento e proliferação da cultura e da leitura no país. Além de apostarem em autores novos e temáticas do momento, as obras produzidas ali também ajudaram a desenvolver as artes a partir do uso de novas capas influenciadas por movimentos como o cubismo e surrealismo – “No centro deste movimento, José Olympio pode ser considerado verdadeiro herói cultural, pelo arrojo e a amplitude com que estimulou e editou os novos, bem como pelo estilo das capas de suas edições (...)”¹²⁴.

Importante ressaltar também o avanço dos livros didáticos na época, com o desenvolvimento de obras atuais e específicas para cada área do conhecimento, deixando de lado bibliografias estrangeiras que já não estavam de acordo com as mudanças ocorridas no país, como coleções de F.T.D, série Royal Readers, dentre outros.

Após apontar mais detidamente os acontecimentos de 1930, Candido considera como positivas as consequências do movimento revolucionário diante da cultura e da literatura. Contudo, ele também tem consciência de que tais mudanças

¹²² Ver Heloisa Pontes. *Retratos do Brasil: Um Estudo dos Editores, das Editoras e das 'Coleções Brasileiras', nas Décadas de 1930, 40 e 50*. BIB. Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais, v. 26, 1988, p. 59.

¹²³ Ver Antonio Candido. op cit, p.33.

¹²⁴ Ver Antonio Candido. op cit, p.34.

não foram suficientes e que foram singelas diante do que se espera de uma revolução de fato.

Transformações para o “povo pobre” não foram quase nada percebidas, já que não tivemos reestruturações profundas nas esferas econômica e social, além da instrução primária ainda não disponibilizar igualmente a todos possibilidades de novos futuros. Já para as camadas intermediárias, as mudanças começaram a ser mais identificadas graças à melhora da difusão do ensino médio e técnico, servindo de base para um desenvolvimento econômico. Porém, as melhorias mais significativas ainda se detiveram às elites, que desde sempre se mantiveram na privação cultural do país. A partir desse momento, assumiram a função de “delegados” da coletividade¹²⁵, servindo de representantes do país e do cenário político e intelectual.

Além disso, é também a partir de 1930 que se iniciou a ideia de um pensamento mais democrático em relação à cultura como algo que se deveria dar acesso a todos, perdendo força a concepção aristocrática de que ela pertenceria apenas às elites. E esta questão leva ao ponto central: “houve maior consciência a respeito das contradições da própria sociedade, podendo-se dizer que sob este aspecto os anos 30 abrem a fase moderna nas concepções de cultura no Brasil.”¹²⁶

Houve também avanços em outras áreas, como no teatro, rádio, cinema e música que não foram apresentados no ensaio. Candido se dedicou à análise principalmente das questões relativas à literatura e leitura. Sendo assim, foi possível perceber que o autor considera 1930 como um decênio de mudanças¹²⁷, que abriria uma nova fase nos estudos culturais, assim como um período de democratização da própria cultura. O que percebemos é que esse tópico, a democratização da cultura e do acesso à literatura, é fundamental para Candido no que se refere à definição de um projeto de formação que tem sua base na própria literatura.

Então, se a cultura deve ser acessada por todos, Candido vai além e se dedica a analisar o acesso à própria literatura, não somente como uma possibilidade,

¹²⁵ Ver Antonio Candido. op cit, p.34.

¹²⁶ Ver Antonio Candido. op cit, p.34.

¹²⁷ Como já abordamos no primeiro capítulo desta pesquisa, entendemos a década de 1930 como um período de inspiração no qual todas as apontas de um avanço cultural e literário estavam sendo geradas. Contudo, como é sabido, tal decênio de novidades se encerrou com um duro golpe à liberdade do pensamento, com a imposição do Estado Novo de Vargas, em 1937, que levou ao fechamento do Congresso Nacional, das assembleias estaduais, bem como das câmaras municipais, ocasionando a centralidade do poder a cargo do Executivo.

- que agora está muito mais acessível devido às conquistas do decênio de 1930 - mas como um verdadeiro direito. É com o objetivo de entender melhor essa dinâmica que iniciaremos a análise do último ensaio desta pesquisa.

3.3 – O direito à literatura (1988)

O ensaio *O direito à literatura*, que completa trinta e três anos de existência, chega ainda hoje com uma temática atual e necessária. Este último ensaio¹²⁸ que analisaremos foi concebido em um período em que as discussões sobre os direitos humanos¹²⁹ estavam se desenvolvendo no país. Trata-se de um dos textos mais conhecidos e citados do autor, justamente por conseguir ilustrar o que apontamos aqui como um verdadeiro projeto de formação elaborado por Antonio Candido ao longo de sua carreira, principalmente nos ensaios que separamos e analisamos, tendo como base o movimento dialógico entre dois pilares centrais apontados por esta pesquisa: educação e literatura.

Antes de começar a analisar a temática presente logo no título do ensaio, o autor sente a necessidade de descer acerca dos direitos humanos, principalmente porque, segundo ele, a própria humanidade é contraditória nesse aspecto. Isso se justifica ao comentar que vivemos já há muito tempo um período que se caracteriza por ter alcançado o máximo de racionalidade técnica e de domínio da natureza. Portanto, já seríamos capazes de solucionar inúmeros problemas da humanidade, como, por exemplo, a fome. Contudo, não é o que acontece. Esse alto grau de tecnicidade não tem sido utilizado na resolução de grandes dilemas. O que

¹²⁸ O ensaio analisado agora foi inicialmente elaborado a pedido do curso de Direito da Universidade Mackenzie, em São Paulo, e que pode ser encontrado na obra *Vários Escritos*. Ver Antonio Candido. *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

¹²⁹ O início da temática dos direitos humanos advém do fim da Segunda Guerra Mundial, momento em que a educação era considerada como fato indispensável para a reconstrução do mundo pós-guerra. Sendo assim, em 1946, houve o surgimento da Comissão de Direitos Humanos da ONU, criado pelo Conselho Econômico, Social e Cultural da entidade. Esse órgão tinha como objetivo elaborar recomendações que promovessem o respeito e a relevância dos direitos humanos, partindo do pressuposto de que nações que seguem tais direitos não entrariam em guerra com outras nações. Após um período de estudos e posterior elaboração do documento, em 10 de dezembro de 1948, a Assembleia Geral da ONU proclamou a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Ver Richard Pierre Claude. *Direito à Educação e Educação para os Direitos Humanos*. Revista Internacional de Direitos Humanos: SUR v.2, n.2,2005, p.36-63.

ocorre, na verdade, é quanto mais se crescem as riquezas, mais se escancara as desigualdades sociais.

Mesmo com o correr dos séculos XVIII e XIX, com o advento de perspectivas econômicas e sociais inovadoras, como o liberalismo e o socialismo, somadas à máxima de que a instrução, saber e técnica levariam à felicidade coletiva, a barbárie entre os homens permaneceu. Sendo assim, o momento da escrita do ensaio era decisivo para a temática dos direitos humanos,

pois somos a primeira era da história em que teoricamente é possível entrever uma solução para as grandes desarmonias que geram a injustiça contra a qual lutam os homens de boa vontade à busca, não mais do estado ideal sonhado pelos utopistas racionais que nos antecederam, mas do máximo viável de igualdade e justiça, em correlação a cada momento da história.¹³⁰

Candido lembra que os meios materiais contemporâneos melhor existem e podem ser capazes de transformar o que antes era utopia em uma possibilidade real. Portanto, crer nos direitos humanos é acreditar na possibilidade de transformação da realidade. E essa transformação, mesmo em uma sociedade cheia de desigualdades, já começou, aos poucos, a mostrar seus resultados.

Segundo o autor, ideias tidas como certas no passado, hoje, se transformaram. A violência ao pobre não é mais tida como um motivo de celebração, ou de justificação divina, muito menos responsabilidade única e exclusiva de um determinado indivíduo – “Existe em relação ao pobre uma nova atitude, que vai do sentimento de culpa até o medo. (...) porque a sociedade sentiu que eles podem ser um fator de rompimento do estado de coisas, e o temor é um dos caminhos para a compreensão.”¹³¹ A fala dos homens da política também mostra uma maior preocupação social, como um esforço para se alcançar uma distribuição equitativa entre todos, “já que a imagem da injustiça social constrange”, não sendo mais possível ignorá-la.

¹³⁰ Ver Antonio Candido. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995, p. 170.

¹³¹ Ver Antonio Candido. op cit, p. 171.

Nunca antes a pobreza esteve tão presente e visível aos olhos de toda a sociedade, seja no cotidiano, seja por meio dos mais variados meios de comunicação, alguns, atualmente, tão fundamentais e que Candido não chegou a conhecer. Dessa forma, as ideias de que a desigualdade é algo a ser combatido e que podemos arcar com tal responsabilidade hoje graças aos meios técnicos e de organização que possuímos não é algo absurdo – ao contrário, trata-se de uma visão cada vez mais difundida.

Nesse ponto, os direitos humanos são fundamentais, já que partem do princípio de que existem elementos básicos que são imprescindíveis para todo e qualquer ser humano e que, portanto, não podem ser inviabilizados. Aqui, vale ressaltar, é uma temática que profundamente se adequa à educação, pois a atitude de olhar para as necessidades do outro em detrimento das pessoais é uma ação não natural, não automática, que precisa ser instruída.

Tais elementos básicos citados acima podem ser entendidos como direito a se possuir uma casa, comida, educação e saúde, por exemplo. Será difícil considerar que tais realidades não devem ser conquistadas por todos. Contudo, será que poderíamos acrescentar a essa lista o direito de acesso à cultura, especificamente o direito à literatura? Seria um direito intrínseco à humanidade o acesso a Machado de Assis, Clarice Lispector ou ainda, Dostoiévski? São essas as questões que Antonio Candido procurará desenvolver ao longo de seu texto.

Para solidificar suas considerações, o autor cita os estudos do padre dominicano Louis-Joseph Lebret, importante sociólogo francês, que diferenciou o chamados “bens compressíveis” dos “bens incompressíveis”. Os incompressíveis seriam aqueles que não podem ser negados a ninguém. Aqui é demandada uma atenção especial para não se utilizar critérios subjetivos. Não é simples pensar quais elementos são essenciais e quais são supérfluos já que cada indivíduo pode apresentar gostos e necessidades diferentes. Logo, é fundamental que existam formas seguras para se definir, de fato, quais seriam tais bens incompressíveis.

Nesse momento, Candido já nos adianta sua visão de quais seriam esses elementos essenciais à vida humana. Seriam “não apenas os que asseguram a sobrevivência física em níveis decentes, mas os que garantem a integridade espiritual (...) e também o direito à crença, à opinião, ao lazer e, por que não, à arte e à

literatura.”¹³² Ora, justificar a necessidade de que cada pessoa deve ter possibilidade de acesso a uma casa, saúde, alimentação e emprego não nos parece algo absurdo ou imprudente. Contudo, colocar ao lado desses elementos a literatura não seria um exagero? “A nossa questão básica, portanto, é saber se a literatura é uma necessidade desse tipo.”

Antes de qualquer consideração mais profunda, é válido considerar aqui o que Candido considera como literatura:

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. Vista deste modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação.¹³³

É possível entrever, portanto, pela própria definição apresentada, que a literatura, segundo Candido, é uma necessidade universal de toda a humanidade, já que a fabulação, a contação de história, a (re)criação de universos e reflexão são elementos intrínsecos à humanidade, não podendo ser dissociados. Ao conceber a literatura nessa ampla definição de necessidade humana, logo ela precisa ser saciada, ofertada a todos, constituindo essa necessidade como um verdadeiro direito. É esta a tese defendida a partir desse momento.

Além de atuar como uma necessidade, a literatura funciona igualmente como um instrumento de instrução e educação tanto quanto à educação familiar ou escolar. A discussão de valores, de diferentes realidades e situações estão presentes nas mais diferentes formas de ficção, “pois ela confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas.”¹³⁴ Sua atuação é tão profunda que a experiência de entrar em contato com ela não é um processo neutro, inofensivo.

¹³² Ver Antonio Candido. op cit, p. 174.

¹³³ Ver Antonio Candido. op cit, p. 174.

¹³⁴ Ver Antonio Candido. op cit, p. 175.

Um livro pode ser sim um sinônimo de perturbação individual e social, haja visto os inúmeros casos na história em que uma obra literária fora censurada ou, ainda, a forma como alguns livros são tratados no próprio contexto escolar, ambientes nos quais há uma relação complexa com os educadores que nem sempre estão preparados para lidar com os assuntos e debates que por ventura podem brotar em sala de aula. O obra literária, portanto, *não corrempe nem edifica*, já que apresenta ao leitor o bem e o mal, humanizando-o e fazendo-o viver situações que não imaginava ou que dificilmente concretizará em vida. Esta relação entre literatura e o processo de humanização citado aqui será o foco do ensaio de Candido.

Falar de função da literatura, para o autor, é tratar obrigatoriamente de três aspectos de todo a obra literária: trata-se de uma construção de objetos autônomos com estrutura e significado, somada à uma forma de expressão e uma forma de transmissão de conhecimentos. Aparentemente, o terceiro aspecto, o de transmissão, parece mais óbvio. É claro perceber que algo de novo será aprendido ao iniciarmos a leitura de um livro inédito. Contudo, Candido afirma a importância primordial do primeiro aspecto, ao considerar a obra literária como objeto, já que “é grande o poder humanizador desta construção, enquanto construção.”¹³⁵

Todo autor, ao desenvolver sua obra, elabora um “modelo de coerência, gerado pela força da palavra organizada”, ou seja, inicia-se um processo de (re)construção de uma nova realidade a partir de elementos que nos são comuns do cotidiano e que sofrem um processo de evolução. A obra literária promove uma organização da vida, da mente, dos sentimentos, organizando a visão de mundo que temos. Isso ocorre graças a sua capacidade de organizar palavras em um todo articulado e lógico, possibilitando um entendimento. Dessa forma, ao organizar-se o plano interno, seria possível também, segundo Candido, iniciar um processo de organização da vida externa, do próprio mundo.

Candido, em outras ocasiões, como bem relembra Leopoldo Waizbort, comenta da importância de se analisar uma obra literária em dois momentos: um momento analítico, ao considerar a obra como um objeto de conhecimento, e um momento crítico, que questiona a validade da obra e a síntese da experiência humana

¹³⁵ Ver Antonio Candido. op cit, p. 177.

que ela pode sugerir¹³⁶. Nesse contexto de análise crítica, podemos aprofundar a noção de que a literatura cria realidades que vão muito além de uma realidade primitiva, pois “a realidade que aparece na obra é reordenação, transformação, desfiguração ou abandono de uma realidade primeira; *mimesis* é *poiesis*, isto é, que *mimesis* é produção de diferença.”¹³⁷ Assim, não há a realidade na obra literária, mas sim uma realidade que está exposta na literatura.¹³⁸

Essa questão cria uma situação paradoxal, como comenta Waizbort: “a realidade se encontra mais em elementos que transcendem a aparência dos fatos e coisas descritas do que neles mesmos. E o realismo, estritamente concebido como representação mimética do mundo, pode não ser o melhor condutor da realidade.”¹³⁹ Logo, o que é mais interessante em todo esse processo é justamente a redução estrutural que a literatura promove, isto é, como a realidade será transformada em texto. Ao retomarmos essas considerações a respeito do estudo da literatura, apontamos que nessa redução estrutural, em seu reconhecimento e análise é que estará a base do processo de humanização que advém da literatura. A experiência do contato com essas realidades permitem ao ser humano desenvolver muitas de suas capacidades.

Pode-se afirmar, portanto, que a literatura seria o ponto de partida do processo de humanização e mudança social, já que ela seria capaz de organizar o caos que é a vida humana a partir de uma reorganização da realidade.

Quando recebemos o impacto de uma produção literária, oral ou escrita, ele é devido à fusão inextricável da mensagem e sua organização. (...) o conteúdo só atua por causa da forma, e a forma traz em si, virtualmente, uma capacidade de humanizar devido à coerência mental que o pressupõe e que sugere.¹⁴⁰

¹³⁶ Ver Leopoldo Waizbort. *A passagem do três ao um – crítica literária, sociologia, filologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2007, p.90.

¹³⁷ Ver Leopoldo Waizbort. *op.cit*, p. 212.

¹³⁸ Ver Leopoldo Waizbort. *op.cit*, p. 239.

¹³⁹ Ver Leopoldo Waizbort. *op.cit*, p. 249.

¹⁴⁰ Ver Antonio Candido. *op cit*, p. 178.

Dessa forma, não se é possível separar forma do conteúdo já que ambas estão em intensa sintonia dentro de uma determinada obra literária. A forma é capaz de permitir que o conteúdo ganhe maior significado, facilitando o processo de entendimento ao leitor.¹⁴¹ Forma e conteúdo formam um par indissolúvel que cooperam para a elaboração de um conhecimento que será recebido pelo leitor. E esse conhecimento do mundo e de si próprio levaria o próprio ser humano a desenvolver sua humanidade.

E neste ensaio em que Candido elabora sua definição de humanização. Para ele, trata-se de um processo que intensifica no ser humano características que pensamos ser essenciais e que são fundamentalmente humanas, como o processo de reflexão, de aquisição de saber, o trato com o outro, entendimento e expressão das emoções, a identificação das belezas do cotidiano, o entendimento da complexidade da vida e o senso de humor. Portanto, “a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos a natureza, a sociedade, ao semelhante.”¹⁴²

Nesse momento, é importante perceber que, principalmente na literatura social, os autores, além do conhecimento e da forma que desenvolvem e transmitem em seus textos, também buscam, de maneira intencional, deixar claro ao leitor suas posições políticas e humanitárias. Nesse momento, para Candido, a literatura vai um pouco mais além, sendo capaz de satisfazer a necessidade humana de conhecer os sentimentos e a sociedade, ajudando-nos a tomar parte nos embates sociais e políticos em que estamos mergulhados. Seria dessa forma que a literatura teria ainda mais seu elo com os direitos humanos aproximado, já que atuaria como uma ferramenta de contato e de conhecimento dos dilemas da vida, possibilitando a reflexão e a elaboração de formas para a superação das desigualdades.

Essa literatura em que o autor deixa clara suas intenções, a *literatura engajada*, que pressupõe o envolvimento social para a reformulação da sociedade em diversos âmbitos, pode, algumas vezes, ser considerada como a fundamental, sendo a maior expressão da literatura. Contudo, Candido afirma que mora aí um sério perigo

¹⁴¹ Nesse momento, para exemplificar a comunhão entre forma e conteúdo, Candido compara em seu ensaio não apenas um provérbio popular, construído com rimas e sílabas semelhantes, como também o poema “Lira” de Tomás Antonio Gonzaga, que apresenta versos organizados, diferentes sonoridades, juntamente com uma temática prosaica, organizando-a a partir da própria linguagem.

¹⁴² Ver Antonio Candido. op cit, p. 180.

de controle sobre a produção literária, que muitas vezes não será capaz de continuar a estabelecer a conexão que tanto citamos até o momento entre forma e conteúdo: “Tais mensagens são válidas como quaisquer outras, e não podem ser proscritas; mas a sua validade depende da forma que lhes dá existência como um certo tipo de objeto.”¹⁴³

Nesse momento, o ensaio se dedica a observar mais atentamente a relação entre literatura e sua relação com a sociedade no que diz respeito ao seu envolvimento na denúncia e engajamento social. Essa discussão mantém como plano de fundo a discussão dos direitos humanos, tão em voga no momento de produção do ensaio.

Para iniciar, Candido trata sobre o romance humanitário e social do começo do século XIX. Obras que mostravam os impactos na vida humana do processo intenso de industrialização. Impactos esses como a miséria das classes trabalhadoras, e a intensificação das desigualdades e precarização do trabalho. “Foi nesse momento que o pobre entra de fato e de vez na literatura como tema importante, tratado com dignidade, não mais como delinquente, personagem cômico ou pitoresco.”¹⁴⁴ Com o advento dos anos de 1820-1830 e do romance social, o pobre torna-se um tema literário relevante.

Como exemplos, Candido cita autores como Eugène Sue, Victor Hugo com “Os Miseráveis” e “O homem que ri”, Charles Dickens com “Oliver Twist”, ou ainda Fiódor Dostoiévski com “Os demônios”.

(...) creio que a entrada do pobre no temário do romance, no tempo do Romantismo, e o fato de ser tratado nele com a devida dignidade, é um momento relevante no capítulo dos direitos humanos através da literatura.¹⁴⁵

Com o desenvolvimento do Naturalismo, esse processo se intensificou com o aparecimento cada vez mais de personagens operários, camponeses, artesãos, desvalidos, discriminados em geral. Na França, com Émile Zola, vemos a retratação da vida das classes menos favorecidas. Contudo, temos nesse caso um exemplo de

¹⁴³ Ver Antonio Candido. op cit, p. 181.

¹⁴⁴ Ver Antonio Candido. op cit, p. 182.

¹⁴⁵ Ver Antonio Candido. op cit, p. 184.

autor que não se manteve apenas no nível da observação, reflexão e organização da forma em sua obra literária. Candido cita Zola como um escritor que foi além, participando ativamente da ação e da militância, exemplo de que como a literatura pode sim levar a fins práticos de mudanças. Seria esse um exemplo completo de autor que está ligado com sua visão social, reunindo produção literária e participação política.

No Brasil, Candido volta a ressaltar o período de 1930, já que nesse momento temos o homem do povo e seus problemas sendo retratados a nível nacional, de forma explícita com Jorge Amado, implícita com Graciliano Ramos, além de outros autores que promoveram um processo de “descaramento social”, como José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Érico Veríssimo, dentre outros.

Portanto, até o momento, Candido, essencialmente, deixa claro em seu ensaio que a literatura é uma necessidade universal do ser humano e que, a partir dela, pode-se promover uma organização social ao somarmos forma e contexto durante o processo de elaboração da obra literária. Tal processo é essencial já que a literatura, a partir desse momento, poderia atuar como um agente de mudanças sociais, levando a todos ao processo de reflexão e, por conseguinte, ação na própria sociedade.

Nesse momento, ao ocorrer esse processo na literatura brasileira, estaríamos vivendo um momento de maturação e de auto-referência, levando, portanto, a uma causalidade interna, que seria a superação da dependência cultural estrangeira¹⁴⁶. Ao mesmo tempo, teríamos então a consolidação da noção de sistema literário, a partir de uma intensa interação entre o eixo obra-autor-público. Tais elementos postos, a literatura adquire com mais naturalidade uma atuação social de denúncia e abertura para a reflexão que posso sugerir possíveis transformações.

Contudo, nosso autor tem consciência de que, em uma sociedade tão desigual como a brasileira, o poder transformador e humanizador da literatura diminui consideravelmente, já que a grande maioria da população, mesmo após as mudanças decorridas em 1930, ainda não possuem acesso a ela. Segundo Candido, é

certo que quanto mais igualitária for a sociedade, e quanto mais lazer proporcionar, maior deverá ser a difusão humanizadora das obras

¹⁴⁶ Ver Leopoldo Waizbort. *op.cit*, p. 260.

literárias, e, portanto, a possibilidade de contribuírem para o amadurecimento de cada um.¹⁴⁷

Além disso, ele afirma também que todos devem ter a oportunidade de passar dos níveis populares para os níveis eruditos no que se refere principalmente à literatura e aos clássicos como uma consequência normal, e que para vir a ocorrer, é necessário a presença de oportunidades de acesso. Não se pode negar ao povo o poder universal que os clássicos possuem, já que seriam capazes de ultrapassar as barreiras de estratificação social, sendo entendidos por todos. Obras clássicas como “Fausto”, “Dom Quixote” ou “Os Lusíadas” podem sim ser relevantes, se não vivêssemos em uma sociedade que separa os bens culturais e que reserva apenas uma parte para o acesso popular. O alcance a todos os níveis de cultura, para Candido, constitui-se como um direito.

Para encerrar seu ensaio, nosso autor reforça que a luta pelos direitos humanos significa, então, uma luta por um estado de coisas em que todos possam ter acesso a níveis diversos de cultura. Isso levaria a destruição da divisão entre culturas popular e erudita, divisão essa que apenas reforça no plano cultural a desigualdade tão intensa que vivenciamos na esfera social – “Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito universal”.¹⁴⁸

O acesso a tais níveis de cultura está relacionado justamente à promoção de acesso universal à educação. Richard Claude, professor emérito da Universidade de Maryland, nos Estados Unidos, editor fundador da *Revista Human Rights Quarterly* e pesquisador responsável por incentivar estudos no âmbito dos direitos humanos, afirma que a educação é a mais eficiente ferramenta para o crescimento pessoal, constituindo-se, assim como Candido afirma sobre a literatura, como um direito humano, parte integrante da dignidade humana, pois amplia o conhecimento, o saber e o discernimento. Para ele, falar de direitos humanos é, indubitavelmente, falar de educação, ainda mais quando ele aponta a necessidade de existir uma educação para os direitos humanos, no sentido da promoção de tais direitos e do reconhecimento

¹⁴⁷ Ver Antonio Candido. op cit, p. 187.

¹⁴⁸ Ver Antonio Candido. op cit, p. 190.

destes, desenvolvendo uma estratégia única para o desenvolvimento de uma cultura universal dos direitos humanos. Para a realização plena dessa estratégia,

A educação para a dignidade deve levar em conta a lista completa dos direitos humanos: direitos pessoais, como a privacidade; direitos políticos – como a participação, bem como a busca e a divulgação de informações; direitos civis, como a igualdade e a ausência de discriminação; direitos econômicos, como um padrão de vida digno; e o direito a participar da vida cultural da comunidade. Essa análise se antecipava à visão defendida pelo brasileiro Paulo Freire em seu livro *A pedagogia do oprimido*. Freire (1973) ressalta as conexões entre a educação do povo e a autorrealização, em consequência do aprendizado e do exercício dos direitos humanos.

(...)

O ponto de vista compartilhado pelos envolvidos focaliza a construção de uma “cultura universal de direitos humanos”, não mais uma utopia fantasiosa, e sim um desafio atual para um mundo globalizado, que precisa compartilhar valores positivos. Estamos diante da obrigação, em nível internacional, nacional, local e pessoal, de adotar programas eficazes de ensino de direitos humanos e empregar metodologias que possam garantir que a tarefa seja bem feita, de forma consistente com os objetivos de paz mundial e respeito aos direitos humanos por toda parte.¹⁴⁹

Tais assertivas apenas ajudam a intensificar ainda mais as considerações de Candido ao apontar a necessidade da literatura se tornar um direito a todos, já que ela, como apresentamos ao longo desta pesquisa, possui a capacidade de ser um elemento fundador, atuando com igual medida à própria educação, seja ela escolar ou não.

¹⁴⁹ Ver Richard Pierre Claude. *Direito à Educação e Educação para os Direitos Humanos*. Revista Internacional de Direitos Humanos: SUR v.2, n.2,2005, p. 41, 62.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após leitura e análise de ensaios de Antonio Candido, a assertiva de Davi Arrigucci Jr. sobre a escrita ensaística de nosso autor se torna ainda mais compreensível. Segundo ele, é possível identificar em sua escrita “ a voz do professor que ensina, uma certa oralidade controlada da aula bem escrita e falada de modo elegante, com uma ponta de ironia bem-humorada”.¹⁵⁰ O fato é que seus ensaios apresentam o rigor da elaboração de um conhecimento científico atrelado à dinâmica de uma aula, que nos apresenta reflexões e deixa o fim inconcluso, aberto a novas descobertas. Dito em outras palavras, o *professor* Antonio Candido não abre mão de sua presença mesmo quando o *crítico* ou *ensaísta* assume papel de destaque.

A pesquisa que aqui se encerra procurou apresentar, a partir da análise detida de seis ensaios de Candido, a definição de um verdadeiro projeto de formação humana desenvolvido ao longo da carreira do autor. Tal projeto se constitui sobre um movimento dialógico entre educação e literatura.

Inicialmente, entendemos que era preciso compreender o sujeito autor antes de adentrarmos à sua obra. Para isso, desenvolvemos considerações ao encararmos Antonio Candido como uma *personalidade singular* que vivenciou profundas transformações em seu país durante o decênio de 1930 que, por sua vez, influenciaram decisivamente o decênio seguinte, de 1940, marcado pela sua formação universitária e constituição de estreitas relações com outros estudiosos do período. Compreendendo esses processos, foi possível identificar um intelectual que aponta na educação e na literatura um caminho possível para as transformações que imagina para o Brasil.

Ao analisarmos os três primeiros ensaios desta pesquisa, constatou-se a construção do pensamento do autor que se inicia no ambiente universitário, com a defesa do ensino de literatura brasileira no ambiente acadêmico, seguida de uma análise detida das formas ideais de se estudar o ambiente da escola, que posteriormente, será o local de atuação dos estudantes de letras e responsáveis pela

¹⁵⁰ Ver Davi Arrigucci Jr. *apud* LEITE, Ligia Chiappini Moraes. “Um mestre no ensino e no ensaio”. In: AGUIAR, Flavio (Org). *Pensamento e Militância*. São Paulo, Humanitas/Fundação Perseu Abramo, 1999, p. 59.

instrução do país, sobretudo na formação do público leitor e desenvolvimento da leitura, prática esta fundamental e implícita para a consolidação do sistema literário cunhado pelo autor. Em seguida, Candido demonstra profunda consciência do estado de atraso de nosso país, que se encontra em uma posição de dependência cultural, realidade esta que impossibilita o surgimento de obras essencialmente brasileiras. A educação e a literatura foram diversas vezes mobilizadas pelo autor como realidades que devem estar em sintonia para uma possível superação de tal situação de dependência e atraso.

E como constatação dessa dinâmica, temos o segundo bloco de ensaios aqui lidos e analisados, que reúne textos do autor que se preocupam em mostrar caminhos alternativos para o avanço e independência cultural do país, seja pelo livre acesso à cultura, seja pela definição da literatura como um direito humano básico. Direito esse fundamental já que confirmaria no homem sua própria humanidade, além de fornecer elementos básicos para sua formação plena, seja ela intelectual, cultural, ou ainda, moral. E, para que esse traçado seja percorrido, novamente, educação e literatura são mobilizadas a partir de um movimento dialógico, sendo a primeira a base para o desenvolvimento da segunda; sendo a segunda uma estratégia única e efetiva para o aprofundamento da primeira.

Por que a literatura teria um papel tão determinante? Segundo o próprio Candido, tem sido cada vez mais difícil apontar aos jovens “o belo, o justo”, razões para se acreditar, para se viver. “Nos dias atuais, os valores estão confusos e num mundo tão fluido a literatura pode funcionar como uma âncora.” A literatura pode atuar como uma organizadora da mente e das emoções, refinando a sensibilidade humana, principalmente em nível inconsciente.¹⁵¹

Mas como se ensina literatura? Segundo ele, promovendo diversidade, mostrando autores e gêneros diversos, principalmente usando como base as famosas antologias literárias. Nessas considerações, é mister analisar alterações que por ventura possam ocorrer por conta do contexto histórico, como linguagem e gosto.

E por fim, poderíamos nos perguntar: quem deve ensinar literatura? O próprio mestre responde: todo aquele que fizer da literatura uma experiência de vida,

¹⁵¹ Ver Norma Seltzer Goldstein. “Antonio Candido e a literatura na escola”. In: AGUIAR, Flavio (Org.) *op. cit.*, p. 299.

que esteja lendo sempre, a cada momento, e que ainda que não esteja lendo, desejaria fazê-lo. Trata-se de uma experiência única e enriquecedora, base para o desenvolvimento humano e que precisa estar acessível a todos.

BIBLIOGRAFIA

- AGUIAR, Flávio (Org.) *Antonio Candido – Pensamento e militância*. São Paulo, Humanitas/Fundação Perseu Abramo, 1999.
- ARANTES, Paulo Eduardo e ARANTES, Otilia Beatriz Fiori. *Sentido da formação: três estudos sobre Antonio Candido, Gilda de Mello e Souza e Lucio Costa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- AUERBACH, Erich. “Filologia da Literatura Mundial”. In: *Ensaio de literatura ocidental: filologia e crítica*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2007.
- _____. *Mimesis*. Editora Perspectiva: São Paulo, 2001.
- BOMENY, Helena. COSTA, Vanda M. R. SCHWARTZMAN, Simon. *Tempos de Capanema*. São Paulo: EDUSP: Paz e Terra, 1984.
- CAIFOS, Camila. *Os anos de aprendizagem de Antonio Candido (1930-1940). Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação*, 2017.
- CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite*. São Paulo: Ática, 1989.
- _____. *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- _____. *O estudo analítico do poema*. São Paulo: Humanitas, 2006.
- _____. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.
- _____. “O papel do estudo sociológico da escola na sociologia educacional”. *Anais..* São Paulo: s.n., 1955.
- _____. *Textos de intervenção*. São Paulo: Duas Cidades; Ed.34. 2002.
- _____. *Ensayos y Comentarios*. Campinas/ México: Editora da Unicamp/ Fondo de Cultura Económica, 1995.
- _____. *Dialética da malandragem*. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros da USP, n. 8, 1970.
- _____. *Na sala de aula: caderno de análise literária*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017.
- _____. *Iniciação à Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.
- _____. *Ficção e Confissão – ensaios sobre Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- CARDOSO, Irene. *A universidade da comunhão paulista*. São Paulo: Cortez, 1982.
- CHAGURI, Mariana Miggiolaro. *Do Recife nos anos 20 ao Rio de Janeiro nos anos 30: Jose Lins do Rego, regionalismo e tradicionalismo*. Dissertação (Mestrado em

Sociologia). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas. 2007.

_____. Mário Medeiros (Orgs.) *Rumos do Sul: periferia e pensamento social*. São Paulo: Alameda, 2018.

CLAUDE, Richard Pierre. *Direito à Educação e Educação para os Direitos Humanos*. Revista Internacional de Direitos Humanos: SUR v.2, n.2,2005.

FAORO, Raymundo. *Machado de Assis: A pirâmide e o trapézio*. 4ª ed. rev. Rio de Janeiro: Globo, 2001.

FREUD, Sigmund. Escritores Criativos e Devaneios. In: *'Gradiva de Jensen' e Outros Trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LAFER, Celso. *Esboço de figura – homenagem a Antonio Candido*. São Paulo: Duas Cidades, 1979.

PAIXÃO, Alexandro Henrique. *Sobre a cidade no romantismo brasileiro*. Baleia na Rede (Cessada) [S. l.], v. 1, n. 8, 2012.

_____. *Antonio Candido: desafios e limites da crítica*. 18º Congresso Brasileiro de Sociologia, 2017. Disponível em: <http://www.adaltech.com.br/anais/sociologia2017/resumos/PDF-eposter-trab-aceito-0579-1.pdf>. Acesso em: 08 nov. 2020.

_____. “Sob a “penúria cultural” e outros elementos constitutivos da cultura literária transatlântica no Brasil oitocentista”. In: Mariana Chaguri; Mário Medeiros (Org). *Rumos do Sul: periferia e pensamento social*. São Paulo: Alameda, 2018, p. 183-200.

_____. *Leitores de Tinta e Papel: elementos constitutivos para o estudo do público literário no século XIX*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2017.

_____. (Org.) *Raymond Williams e Educação – coletânea de textos sobre extensão, tutoria, currículo e métodos de ensino*. Campinas: Editora FE-UNICAMP, 2019.

PAULILO, André. “A cidade como programa: Escola pública e vida urbana na capital da Velha República”. In: *História Social*. Revista de Pós-graduação em História da Unicamp. n. 21, 2011.

PEDROSA, Celia. *Antonio Candido: a palavra empenhada*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

PEREIRA, Luiz. FORACCHI, Marialice. *Educação e sociedade: (leituras de sociologia da educação)*. São Paulo: Comp. Ed. Nacional, 1979.

PONTES, Heloísa. *Destinos Mistos: os críticos do Grupo Clima em São Paulo (1940-68)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. “Ar de família: a turma de Clima”. *Literatura e Sociedade*, v. 14, n. 12, p. 62-73, 6 dez. 2009.

_____. *Retratos do Brasil: Um Estudo dos Editores, das Editoras e das ‘Coleções Brasileiras’, nas Décadas de 1930, 40 e 50*. BIB. Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais, v. 26, p. 56-110, 1988.

RINGER, Fritz. *O declínio dos mandarins alemães*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

SANTOS, Claudiene Reis dos. *SOCIOLOGIA DA LITERATURA: os reflexos da Revolução de 30 em São Bernardo*. Revista Café com Sociologia. V. 4 N. 2, 2015.

SARAMAGO, José. *O conto da ilha desconhecida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SEREZA, Haroldo Ceravolo. *A literatura como sistema - Alcance social da obra de Antonio Candido foi além da universidade*. Pesquisa Fapesp, Ed. 257, 2017. Disponível em <https://revistapesquisa.fapesp.br/a-literatura-como-sistema/>. Acesso em: 29 abr. 2021.

SERNA, Jorge Ruedas de la (Org.) *História e Literatura – Homenagem a Antonio Candido*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2003.

SIMMEL, Georg. *Questões Fundamentais da Sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

SCHWARZ, Roberto. *Antonio Candido (Um verbete)*. Revista USP, (17), 1993, p. 176-179.

_____. Pressupostos, salvo engano, de Dialética da malandragem. *In: Que horas são?* São Paulo: Cia das Letras, 1987. p. 129.

_____. FONSECA, Maria Augusta (Orgs.). *Antonio Candido 100 anos*. São Paulo: Editora 34, 2018.

WAIZBORT, Leopoldo. *A passagem do três ao um: crítica literária, sociologia, filologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

WILLIAMS, Reymond. *O Campo e a Cidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

Outras Referências:

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. “Depoimento Antonio Candido”. Disponível em: <https://youtu.be/mZvFy6gdGLs> . Acesso em 18 out 2020.

Anos de Incerteza (1930 - 1937) – “Os Intelectuais e o Estado”. *Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC*. 2020. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos30-37/IntelectuaisEstado>. Acesso em: 31 out. 2020.

Diretrizes do Estado Novo (1937 - 1945) – “Educação, cultura e propaganda”. *Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC*. 2020. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/EducacaoCulturaPropaganda>. Acesso em: 31 out. 2020.